

A REVOLTA



Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

Anno 3.º

DIRECTOR — Emílio Martins

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 5 de Julho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA,"

Composição e Imp., CASA MINERVA, Avenida Navarra

ADMINISTRADOR E EDITOR: PEDRO PALMA

N.º 50

QUEM DÉRA!...

A' longos dias já que a toda a parte vamos escutar a ameaça da *conspiração*, da *invazão*, que em terras de Espanha o bando aguerrido dos traidores, fundindo em balas e armas os metais da Companhia de Jesus, manda anunciar aos quatro ventos da terra.

Somos daqueles que obstinadamente se não arreceiam da *invazão*, como sempre não acreditámos na possibilidade duma *contra-revolução* monárquica, sem que isto queira significar a nossa indiferença perante a vasta *organização* de *boateiros* e *perturbadores*, cuja fermentada existência a *generosidade* da Republica provocou e consentiu.

E' lastimavel que a Republica tenha deixado que os mercenários *azues* e *brancos*, apavorados por terem sido postos a descoberto os mais importantes nucleos fomentadores da *conspiração*, mercê da insistente vigilância de alguns republicanos, passassem a fronteira a salvo para se entregarem, com prodíjios de actividade, que o dinheiro da Companhia de Jesus facilita e recompensa, á tentativa da *invazão*.

Mas não será o bando famoso, que junto ás nossas fronteiras *escouceia*, que fará sossobrar a Republica.

Nem *contra-revolução*, nem *invazão* averá.

Alguns timoratos lembram que os monárquicos, quando no antigo regime lhes annunciavam a revolução dos republicanos, também afirmavam a impossibilidade do movimento.

Como se fosse admissível confronto?

Quando os republicanos, obscuros e sacrificados, nos annos de luta, que pareciam intermináveis, construíam o *sub-solo* da insurreição, não os arrejimentavam a *traição* e o *dinheiro*.

Avia um *ideal* solidarizando todos, a invencível revolta contra um regime naturalmente fraudulento e criminoso.

Mais de vinte annos de combate intranzigente temperaram convicções inabaláveis e rebentaram na terra a sementeira magnífica da insurreição, levando a toda a parte o insufocavel grito da revolta.

A fertiliza-la em tempo próprio, prodijioso sangue regará a terra.

A colheita tinha de vir em seguida.

Onde está aí no bando de cretinos e máus da *realiza*, irremes-

sivelmente vencida em 5 de Outubro, o *ideal*, onde as *convicções*, onde a *revolta dos espiritos* que não seja o reflexo simples da ansia de esfaimados interesses?

Impossível duvidar. O *passado* não póde vencer o *prezente*, quando já o *futuro*, lá fóra, grita as suas primeiras reivindicações libertadoras.

Será ridiculamente idiota supor que aquele miseravel *megalomano* — em cuja alma revive, ultrajando o nome de portugueses, a alma safada de Miguel de Vasconcellos — o supremo canalha, que anda na fronteira espreitando a hora, em que á frente do bando assaltará a terra portugueza, possa, com todos os milhões da Companhia de Jesus embora, subverter a *ordem lógica das coisas*.

A hipótese da *invazão* só valerá pela utilidade incalculavel de varrer duma vez e para sempre o último lixo da monarquia, quer esta seja dos *Braganças* ou não!

Dêsde segunda-feira passada está detido no quartel de Infantaria 23 o nosso camarada Aurélio Quintanilha, estudante militar, republicano revolucionario, por ter esbofetado o lente da Universidade de Alvaro Bastos.

Não sabemos se esta declaração de que o nosso camarada é um republicano revolucionario mais o irá comprometer, provocando nova queixa da Universidade...

A REVOLTA lastima sentidamente a detenção do seu amigo Aurélio Quintanilha e protesta-lhe toda a solidariedade possível!

Ecos e comentarios

Recordando

Nem só na « Desafronta », António José d'Almeida ameaçou de *deza*mento a Universidade de Coimbra.

O Dr. António José d'Almeida, averá dois annos, disse num comicio realisado em Coimbra que a Universidade *devia ser demolida, pedra a pedra*.

De tal não se lembra já o Snr. Ministro do interior.

Raio de esquecimento!

Universidade

De novo al escancararam as bocarras, atafalhadas de ódio, cer-

tos individuos mordendo quem, na chata e cretina mansidão das *coisas universitarias*, com audácia, com energia, com violência, mas com justiça, arredando á biqueira raivosos *cães de guarda*, deixando que elles ladrinchem depois, uma vez ou outra, oportunamente tem protestado contra os *processos* duma escola, que era reconhecidamente no tempo da monarquia o *fóco da reacção* — como se encheram de no-lo dizer os dirigentes de hoje — e que não deixou de o ser, ainda, apesar de tudo!

Para aquella gente um ataque á Universidade é qualquer coisa a modos de um ferro em brasa de encontro aos próprios flancos.

Derrota

No relato, publicado na *Republica*, de que é director o Snr. Dr. António José d'Almeida, do discurso proferido na *Constituinte* pelo ministro do Interior — aquele discurso em que o referido ministro muito arrelhado se encheu de dar explicações... prévias — vem o seguinte:

«...E' um proposito de desorientar o orador (S. Ex.º o ministro). Mas este, impassível, continua sempre na sua derrota...»

Como veem a *Republica*, de que é director o Snr. Dr. António José d'Almeida, está com a verdade!

Definições

Num colega da provincia dá o Snr. C. A. Fernandes as seguintes definições:

« *Ser reaccionário*: E' ser contrário ao progresso politico do paiz. Em geral o reaccionário é clerical, despotico, oppressor e amigo de severos castigos.

« *Ser republicano*: E' ser partidario do Governo em que o povo elege um transitório Chefe d'Estado, orientador da politica do paiz. E' querer a *liberdade politica*, a *egualdade da lei* e a *fraternidade* entre governantes e governados ».

E nós que definíamos *reaccionário* — primeiro candidato ás benesses da Republica Portuguesa e *republicano* — vil creatura sujeito aos mássimos insultos, que um anónimo ou um ministro possa proferir?!

São quinze...

Certo lente da Universidade, cujo chamadoiro ocultaremos, sintetizando a opinião da maioria dos seus colegas acerca dos estudantes, que eles prezumem terem intervindo em tudo quanto de *desacatos*, *tumultos* e *arruaças* — como SS. EEx.ªª dizem — tem avido dêsde 17 de Outubro na Universidade, disse a alguém pouco mais ou menos o que segue:

« São 15!... São 15 *carbonários*, que querem tomar conta daquilo, e que é urgente meter na ordem ou arredar!... »

Cá nós parece chalaça o dito — a não ser que alguém pense em reduzir tudo aquilo a carvões e projecte uma *fritangada* de lentes!

Péssimo palladar, afinal.

INDIGENAS



(Desenho de Emílio Martins.)

Sem titulo

Que tremendas razões de estado... universitario terão determinado a publicação do EDITAL, em que, por motivo da agressão d'um lente, são mandados suspender os ACTOS da cadeira a que presidia o lente agredido?

... Será para que se alégue contra o agressor a impossibilidade de trabalho por parte do agredido?

MIUDEZAS...

Carlinhos, aquelle quintanista loiro e novo, a que um pequenino buço loiro dava um aspecto mais novo ainda, concluido o ultimo acto, abalára para Santo Thyrso, terra da sua naturalidade, com a carta de bacharel e um diploma de *distinção* em Ecclesiástico no bahu de folha.

E logo os Echos de Santo Thyrso, com a noticia da chegada do novel bacharel, annunciavam aos seus cento e tantos leitores de Portugal, Brazil e colonias, a abertura de mais um escriptorio de advogado, melhoramento que, insinuava o noticiarista indigena, enchia de contentamento todos os que verdadeiramente presavam o progresso da terra que lhes fóra berço. E, acrescentava

em apurado estylo de imprensa, tudo ha a esperar do novel bacharel — do seu formoso talento, das suas peregrinas qualidades de caracter.

Aquella fama de *intelligencia prodigiosa*, vinha dêsde os tempos distantes de *instrução primaria*, em que Carlinhos fazia o enlevo do professor, *pagagueando*, sem lhe faltar uma virgula, os factos mais notaveis dos reis e rainhas de Portugal. Depois, em cada anno que passava, essa fama viera engrossando, com a noticia de quinze e quatorzes, *desvanecidamente* dada pelo pae de Carlinhos, á noite, no club, emquanto enaipava as cartas:

— O meu Carlinhos lá fez mais um acto. Teve quatorze!

Quando Carlinhos apanhára a *distinção* em Ecclesiástico, mal aberto e lido o telegramma, o pae não se contivera por mais tempo em casa; saltára para a rua, de côco e chinelo de liga, louco de alegria, a participar a nova radiante ás pessoas das suas relações:

— Pois não sabe?! o meu Carlinhos ficou *distincto* em Ecclesiástico! *Distincto*!

Mas, fóra pelo centenario de Alexandre Herculano, numa conferencia realisada nos paços do concelho — Alguns dados biographicos da vida do grande historiador —, onde se reunira tudo quanto havia de

distingue em Santo Thyrso, que Carlinhos definitivamente se radicará na recolhida admiração dos seus conterrâneos.

Numa segunda feira, dia de mercado mensal em Santo Thyrso, Carlinhos — continuava, no affectuoso tratamento da familia e dos intimos da casa, a ser o Carlinhos — abria o seu escriptorio ao publico, instalado no rez do chão da velha casa de familia, com simplicidade e com gosto.

Aproveitara quasi toda a sua mobilia de estudante; apenas completára a meia duzia de cadeiras e mandára pôr mais duas prateleiras na velha estante de pinho.

Pela parede, pregados com broxas amarellas nos quatro cantos, retratos de condiscipulos, segurando com pôse ricas pastas bordadas. E, em frente da porta, a pasta de Carlinhos, hirta no seu caixilho envidraçado, destacava na alvura da parede, ostentando um apparatuso bordado a escamas de pescada, com as largas fitas pendentes...

Não foi sem uma commoção-sinha, que Carlinhos, depois de almoço, se installou á mesa do escriptorio, prompto a abrir a torneira d sciencia adquirida em cinco annos de viglias e de colicas. E poz-se a percorrer, nervoso e inquieto, a Cartilha do dr. Teixeira de Abreu...

Passada meia hora, um labrego rompeu pelo escriptorio dentro, e vendo Carlinhos, loiro e novo, a que um pequenino buço loiro dava um aspecto mais novo ainda, perguntou:

— O sr. doutor num está?

Carlinhos levantou-se nos bicos dos pés, formalizado:

— O sr. doutor é este seu creado. Faz obsequio de dizer o que quer, sim?

Então o labrego, que, exactamente como uma sopeira um municipal, não concebia um advogado sem farto bigode, voltou-lhe, indo sentar-se na soleira da porta, desconfiado:

— O menino está-me a enganar!... Eu espero pelo papd... eu espero...

Ha.

O material de guerra apreendido na Galliza

Madrid, 4 — O Noticiario de Vigo, chegado hoje, diz que o juiz de instrução militar terminou o inventario das armas, munições e equipamentos do contrabando ultimamente apprehendido em vagns nas gares de Orense e Pontevedra.

O inventario accusa o seguinte: 4 canhões Krupp, 8 com reparos, zonas de reserva — 1:000 granadas ordinarias, 320 granadas de metralla, 1:032 espingardas Manlicher, outras tantas baionetas — 1:000 cinturões e cartucheiras e 200:000 caatuchos para espingardas. Todo este material se continha em 337 volumes.

A REVOLTA

Vae a administração d'este jornal proceder á cobrança de annuncios e assinaturas.

Que nesta difficil e importantissima operação os nossos estimaveis assinantes e annunciantes nos auxiliem por todas as formas — é o nosso mais sentido voto.

PEDRADAS...

Todas as manhans, quando uma velha creada, segundo um velho habito, me traz o leite da dejeua, pergunto-lhe immediatamente: — o Paiva Couceiro entrou?

A creada não lê os jornaes, nem a essa hora matutina os jornaes teem vindo, mas estou seguro de que, se o Paiva Couceiro entrasse, ella o saberia, como sabe tudo quanto se passa, pela mulher do leite, pelo padeiro, pela mulher da pescada ou pelo pobre que vem todas as manhans pedinchar cincoreisinhos. Por isso a interrogo. E sempre aquelles seus labios frios de quarentona virgem, que nunca, na sua fealdade lastimosa, recolheram um beijo de amor, se abrem, num vago ar pasmado e tonto, a me darem a mesma resposta, desinteressada e fria: — não ouvi dizer nada, meu senhor.

Elia não comprehende, no seu alheamento de creatura que vive apenas para o fogão e para a escôva, o meu interesse em saber se Paiva Couceiro entrou. Ella ignora — a pobre! — que o destino, o ideal e as aspirações de seis milhões de portuguezes, estão á mercê de um certo Paiva Couceiro, que por Hespanha arrasta os seus sonhos dementados de dominio e de força.

Mas, garantido de que Paiva Couceiro não entrou ainda, bebo o meu leite e mergulho novamente num somno bom e socegado.

A' minha pergunta, porém, todas as manhans, não corresponde um real receio de que Paiva Couceiro invista por Portugal dentro, com umas tantas centenas de gallegos de pau e corda ajornalados por duas psetas, a restaurar a Carta e a santa religião.

Não, não corresponde. Creio firmemente no valor dos gallegos, mas para levar malas á estação, para mudanças de trastes — nunca de instituições; creio firmemente nas dedicações compradas a dinheiro, mas para manifestações de palmas e vivas — nunca para reconquistar um throno.

Hadequê.

O Sr. Ministro do Interior e o Centro Republicano Academico

Na sessão de 30 do mez findo, da Assembleia Nacional Constituinte, o Sr. Ministro do Interior, apesar de não haver sido chamado a esse terreno, abordou de frente a questão de Coimbra e referiu-se ao acto de sua expulsão do Centro Republicano Academico, pondo em cheque a honestidade da direcção d'esse centro politico.

Disse Sua Ex.^a que: um dos directores d'esse Centro, é um «scroc» rapinador dos moveis dos seus companheiros de casa, dando assim a entender que a essa aggremação faltava absoluta autoridade moral para impôr tal castigo.

Não queremos aqui discutir a justiça ou injustiça de tal resolução, tanto mais que não assistimos á sessão em que essa medida foi votada por maioria.

Desejamos apenas accentuar bem a deslealdade d'essa affirmção feita em plena Camara, porquanto sendo a direcção composta de cinco membros e não havendo citado o nome do que lhe mereceu a insinuação, cobriu ou pretendeu cobrir a todos com o mesmo labêo infamante.

Mas a par d'essa deslealdade, que não é propria de um homem que, se preza o seu nome, tem igualmente o indeclinavel dever de prezar a hora dos seus concidadãos, o Sr. Ministro do Interior

revelou de um modo inilludível que está longe de ser como apregôa, aquella creatura que se deixa levar mais pelo coração do que pelo cerebro.

Sua Ex.^a conhecedor do facto como deve estar, não teve a menor duvida nem sentiu a menor hesitação em ferir fundo o sentimento de alguém que praticou effectivamente um acto irregular e censuravel, mas cuja falta moralmente espion e que no decorrer da sua vida tem prestado serviços á causa republicana. Maiores culpas têm-nas alguns aulicos de sua Ex.^a e nem por isso deixam de lhe merecer as suas graças e as suas atenções.

O meio portanto de que se serviu para a sua defesa, foi incorrecto e mesquinho.

Afirmou tambem sua Ex.^a que os estudantes republicanos tinham sido explorados pelos elementos reaccionarios. E' um engano.

A ingenuidade d'esses rapazes não attingiu ainda os limites da do Sr. Ministro do Interior, que dando mais ouvidos aos elementos suspeitos do que aos que lhe deviam merecer toda a confiança, tem criado uma serie de carrapatas á republica, que podiam ter sido evitadas, e cujas consequencias estão sendo sentidas pelos verdadeiros democraticas que, apesar de merecerem quasi sempre a censura de Sua Ex.^a, são os unicos que estão promptos a dar a sua vida em defesa das instituições e da Patria.

Talvez que, não esteja longe o dia em que Sua Ex.^a, chamado á razão pela força das circumstancias, tenha occasião de verificar se fomos nós ou elle, os explorados pelos reaccionarios e falsos republicanos.

Dr. Silvestre Falcão

Ao novo governador civil, o antigo revolucionario da geração de 90, presidente do Centro Republicano Academico, a Revolta dirige a mais sincera saudação.

A GRANDE "SAISON", DE PARIS

(Continuação)

Mozart tinha morrido. Haydn, grande muzico, d'uma finura de espirito e d'um poder de invenção verdadeiramente extraordinarios (escreveu 118 symphonias), já não escrevia.

Havia na muzica, e sobretudo na muzica instrumental, uma grande lacuna a preencher.

Todas as esperanças dos muzicos d'então estavam em Beethoven, que tinha sido discipulo de Haydn e cujas faculdades de improvisação, cuja força expressiva e cuja originalidade eram bem conhecidas depois da audição do seu bello septuor.

No entanto alguns muzicos, e entre elles Carpani, tinham pouca confiança em Beethoven, que julgavam incapaz de se manter a dentro dos moldes da symphonia classica como a fez Haydn.

Foi a 2 de abril de 1800 que se tocou a sua primeira symphonia, em dó maior.

Correspondendo ao seu primeiro estylo, esta symphonia tem effectivamente alguma coisa de Mozart e Haydn. Criticando-a, diz Bulioz — «Beethoven n'estapas lá».

Não foi justo e foi preceptitado Berlioz na sua introdução, porque logo na introdução a maneira original como começa é bem uma forma nova, que nunca foi uzada pelos mestres.

E Beethoven já lá estava, não completamente; mas a orchestra era mais rica e mais completa que a de Mozart e havia mais arrojo e originalidade na sua harmonia que na dos seus antecessores. Quanto ao espirito, a serenidade da sua muzica, o accento de certos rythmos, a vivacidade de certos motivos, são já qualidades bem pessoas e inconfundiveis.

Esta symphonia foi escripta no tempo em que Beethoven

escrevia aos seus amigos, já com principios de surdez — «Votre Beethoven est horriblement malheureux... Je veux, si cela est possible, je veux braver mon destin; mais il y a des moments de ma vie où je suis la plus misérable creature de Dieu».

Escripta antes da sonata com marcha funebre e depois da Pathetica, ella tem por vezes a tolar a limpidez e a clareza do seu estylo, as sombrias recordações da sua desgraça.

O andante em fa é uma pagina encantadora, desenvolvida e bordada sobre um thema cheio de graça e de finura.

A segunda symphonia de Beethoven (symphonia em re maior) foi tocada pela primeira vez em Vienna, a 5 de abril de 1803.

Ao mesmo tempo que elle escrevia esta symphonia, escrevia no testamento de Heiligeistadt — «Même le haut courage qui me soutenait souvent dans les beaux jours d'été. — il s'est évanoui — O Providence, fais-mois apparaitre une fois un pur jour de joie! Il y a si longtemps que la résonance profonde de la joie véritable m'esdevenue étrangère! O quand, ô quand, Divinité! pourrai-je encore la sentir dans le Temple de la nature et des hommes? — Jamais? Non! oh! ce serait trop cruel!».

Entretanto esta symphonia é alegre, cheia de esperança e de vida. Parece que o seu amor por Giulietta Guicciardi, condessa de Gallenberg, lhe fazia esquecer as angustias da sua vida torturada, suppondo-se tambem amado — «Ma vie est devenue plus douce... Ce changement, une chère et charmante fille l'a accompli: je l'aime et elle m'aime».

E' assim que esta symphonia é sem tristeza e sem revolta.

O allegro é cheio de vida, de movimento; o larghetto é transparente e leve; o scherzo é alegre e o final é ardente, cheio de paixão e de mocidade.

Diz Berlioz que na introdução (bargo) os efeitos mais bellos se succedem sem confusão e sempre d'uma maneira inesperada; que o canto é d'uma solemnidade commovedora, que, desde os primeiros compassos, impõe o respeito e prepara a emoção.

Deixo proposadamente para o proximo numero a apreciação da symphonia heroica, que tantos «commentarios philosophicos ou poeticos, tantas contraversias biographicas ou scientificas, suscitou no mundo artistico da epoca» — como diz Brenet, no seu livro Histoire de la symphonie a orchestre.

Há muito a dizer sobre ella, havendo livros que não tratam d'outra coisa. Naturalmente o leitor não conhece... E' por isso que eu escrevo aqui.

J. P.

Dr. Antonio Naples

Em direcção ao norte, passou ante-hontem nesta cidade o nosso querido amigo dr. Antonio Naples.

Feliz viagem.

«Salvé!... Lusa Athenas!»

O sr. Baptista Loureiro, de Montemor-o-Velho, botou artigo de escacha na Gazeta de Coimbra, o novo Times indigena, baptistamente atacando o desdobra da faculdade de Direito.

Verdadeiramente, aquillo não é um artigo, mas um lamuriento memorial ao commercio da cidade, a lhe sollicitar a pingue assignatura, no primeiro numero do periodico. Onde, porém, o sr. Baptista pretendia desafiar a lagrimasinha marôta, o riso salta, affora, esfusia, e só a gente se não ri mais, porque, já na altura

do seu artigo, está cansado de se rir com o artigo de apresentação, com o artigo do sr. Alberto Bessa (que não deixa o seu credito por mãos alheias, apresentando-se aos leitores do jornal como socio do Instituto e da Associação dos Artistas), com as pequenas locaes intermedias, tudo Arrobas, muito Arrobas, Arrobas João Ribeiro, director da Gazeta de Coimbra, e ex-empregado do Conimbricense e ex-director do Noticias de Coimbra.

E' morto ha bastantes annos o saudoso fundador do Conimbricense, mas só agora o seu espirito desceu das alturas, onde pairava, a encarnar no corpo redactorial da Gazeta de Coimbra, se é que Alberto Bessa, Baptista Loureiro, todos quantos collaboram n'este primeiro numero, não são um e o mesmo João Ribeiro Arrobas Continuar-se-ha, disfarçado com varios pseudonimos.

Gazeta de Coimbra, precioso alfofre de preciosos jornalistas, eu te fado para uma longa vida e muitas prosperidades!

Leitor, dá-me o teu braço e vem dahi commigo atravez uma rapida digressão pelas duas columnas e pico de prosa do sr. Baptista.

Olha, logo em cima, a taboleta, se não é de a gente reben-tar a si — «Salvé!... Lusa Athenas!».

E principia — «Coimbra, a verdadeira Coimbra, a Coimbra escholastica e romantica, etc.» Sim, Baptista, sim, «Coimbra, a verdadeira», tens toda a razão, é conveniente não a confundir com qualquer outra que possa haver pelo paiz, exactamente como o deputado Dias Amado; a «escholastica», perfeitamente, Baptista, que tem uma escola (pois não é?); mas agora «romantica», porque é Coimbra romantica, Baptista?

Dize, Baptista, falla, esclarece o teu pensamento; Coimbra tem olheiras, tem bandós, tem insomnias, tem deliquios, lê Pinheiro Chagas, recita Soares de Passos, pois o que te te auctorisa a chamar-lhe romantica? Sé assim é, Baptista, chora commigo a sorte da desgraçada Coimbra, que não tardará a envenenar se com phosphoros, ao vêr-se assim desprezada pelos poderes publicos, como qualquer costureira, leitora assidua de folhetins, a quem algum dia um segundo sargento dissesse palavras de amor e de esperança, ao saber-se trahida e esquecida!

E deve ser horrorosa, Baptista, horrorosa a morte de Coimbra, a rebolar-se com dôres no estomago, transformado em phosphoreira, e a recitar, com a voz já estrangulada pela agonia, as estrophes plangentes do Noivado do Sepulchro!

E' esta Coimbra, a «verdadeira», a «escholastica», a «romantica», que Baptista declara, com a lagrima ao canto do olho, que «está em via de liquidar como liquidam todas as reliquias de familia em mãos de novo possuidor.» Socega o espirito, Baptista, que Coimbra não liquidará, pelo menos por essa forma, porque não a aceitam no preço e é assim que costumam liquidar as joias de familia em mãos de novo possuidor.» Baptista, concordando afinal em que Coimbra não «liquidará», apresenta uma razão inteiramente diferente: «aquillo (está-se a vêr o dedo de Baptista apontar a velha torre da Universidade) nem é já bem nosso; pertence á documentação historica do mundo culto!»

Sim, Baptista, pertence á documentação historica do mundo culto e ao mais que tu quizeres! Como não é só nossa — percebe-se lá muito no fundo a ideia de Baptista —, não a podemos liquidar sem auctorisação da outra proprietaria; a documentação historica, do mundo culto.

SECÇÃO LITTERARIA

○ MAR

N'este emmurchar das rosas e da esp'rança, n'este pender eterno da folhagem, vão já levados na caudal voragem nossos primeiros sonhos de creança. —

Na onda atroz de destruição que avança, as crenças vãs, que sobre nós reagem, vogam sonhando em rotas de miragem d'outros tempos perdidos de bonança. . .

Um fio d'água occulto e subterraneo aos poucos foi minando o nosso craneo, e desgastou a ideia-bruta: Deus!

Mas entre os sonhos mortos e afogados quantos, oh mar da Sciencia! vão levados mais bellos, mais grandiosos do que os teus! —

M. Nobre de Mello.

Está claro, Baptista, está claro, é dos livros, vem no código civil. Depois, Baptista, n'uma exposição erudita, mostra como a «nossa Universidade» acompanhou sempre brilhantemente o movimento litterario de Portugal, por forma que «já em 1527 se tornara um foco de litteratura luzente, transitando do classicismo ao romantismo, d'aquí, ao romantismo, até que estabelecendo a dissidencia ou reacção coimbrã, entrou resolutamente na posse das escolas modernas — symbolismo, idealismo e nephelibatismo.»

Mas isto, Baptista, é, n'uma synthese luminosa, todo um compendio de historia da litteratura portugueza, que eu queria ver desde já approvada para uso dos lyceus!

Passa depois Baptista a enumerar quantos homens, celebres e não celebres, frequentaram a Universidade, ou como elle diz, que a Universidade «produziu.» E' um cortejo patusco em que se dão as mãos Luiz de Camões e o dr. Araujo e Gama, Guerra Junqueiro e o dr. José Maria Rodrigues, Alexandre Braga e o dr. Silva Ramos... mas tambem este Baptista, tambem este foi produzido pela Universidade? E eu que sempre julguei ter elle sido produzido pela Virgem...

E, se vamos a isso, Baptista, a «nossa Universidade» não «produziu» só os que tu dizes: produziu mais, muitos mais — produziu o Rosalino, produziu o dr. Assis, produziu-te a ti, segundo me pareceu deprehender d'uma passagem do teu artigo, todos os annos ella produz umas dezenas como vós todos três!

Mas, Baptista, de tudo tira, com um rigor de logica a me deixar perplexo, novos argumentos attinentes a demonstrar que a faculdade de Direito não pôde sair de Paris a igreja de Notre-Dame; de Memphis as pyramides do Egypto; de Constantinopla Santa Sophia; de Roma o Vaticano!

Bravo, Baptista, bravo, isso é que é fallar! Esqueceu-te, porém, uma imagem adequada, ou então a tua modestia, a proverbial modestia de todos os homens de genio, levou-te a cala-la. Mas não, a calarei eu, Baptista: «... como não pôde sair de Roma o Vaticano; como Baptista Loureiro não pôde sair da redacção da Gazeta de Coimbra!»

Não podes, não, Baptista, porque, se de lá tivesses sahido, me-

lhor, se tu para lá não tivesses entrado, como haviam de os milhões de leitores da *Revolta* em todo o mundo, saber que n'este ponto redondinho e negro do mappa, chamado Coimbra, se publica um jornal, dirigido por um tal Arrobas, ex-empregado do *Conimbricense* e ex-director da *Gazeta de Coimbra*, onde um tal Baptista Loureiro, de Montemor Velho, publica artigos de escacha baptistamente atacando o desdobraimento!

Ah! Baptista, decididamente, tu és o homem do dia e o desdobraimento é uma questão perdida!

Conspiradores de Coimbra

Dos jornaes: Lisboa, 4 — O juiz sr. Costa Santos entregou hoje ao sr. ministro do interior o processo de investigação referente aos conspiradores de Coimbra. Compõe-se de tres volumes com 1118 paginas. Tambem entregou o relatorio dos acontecimentos e da investigação com 75 folhas e poz á disposição d'aquelle ministro 26 presos.

A CONSTITUINTE E MACHADO SANTOS

Do *Intransigente* de hontem transcrevemos os periodos seguintes:

«Quiz a Assembleia Nacional Constituinte promovendo por distincção o director d'este jornal e concedendo-lhe uma pensão vitalicia, significar que não esqueceu os que, d'alma e coração combatendo pela Republica, conseguiram implantar, numa madrugada gloriosa, a Republica em Portugal.

A manifestação com que os legitimos representantes do povo receberam a proposta, não vindo envaidecer o homem, que, a Revolução consagrando o melhor do seu esforço, pela Revolução conseguiu libertar o povo portuguez, trouxe-lhe a consoladora certeza de que o paiz, reconhecendo o trabalho dos revolucionarios não esquece, preterindo-os pelos arrivistas que á ultima hora, por entre os altos e baixos do réclamo jornalístico, possam chegar-se em ar atrevido de conquistadores.

Como sendo para os heroicos filhos do povo a manifestação de sympathia da Assembleia, Machado Santos a tomou, não o accitando senão como se n'elle, pelo seu esforço, tivessem os representantes da nação querido

honrar os trabalhadores obscuros que, sem nada esperarem da Republica, sem a Republica nada pedirem, levaram a cabo, a travez de todos os perigos e difficuldades, apesar de muitos desanimos e não poucas deserções, a obra gigantesta e patriótica a obra generosa, a rehabilitadora da Republica.

De bocca em bocca, na hora difficil da lucta, na hora indecisa ainda, da victoria, o seu nome andou com um clarim de guerra, o seu nome soava aos quatro ventos como a bandeira mesma da revolução.

— Parece que na Rotunda está um official a commandar. Isto está serio. . .

E serio, tão serio que esse official, com o auxilio dos que com elle ficando e como elle comprehendendo as responsabilidades tremendas do momento, conseguiu o que era sonho de todos — expulsar a dynastia nefasta dos Branganças e substitui-la pela Republica, aspiração de todos nós.

O acto da Assembleia Nacional Constituinte, honrando o soldado que combateu pela Republica, mostra claramente que os eleitos do povo, aquelles que na Camara representam o pensar e o sentir da nação, estão ao lado dos revolucionarios de outubro, com quem a Patria se encontrou nas horas difficéis, com quem a Patria poderá contar, sempre, para a defeza da integridade do seu territorio, para a segurança das liberdades individuaes, para o estabelecimento de uma era de paz paz progressiva e de justiça rehabilitadora.

Solução d'honra

Meu caro Emilio

Peço-te a fineza de reproduzires na *Revolta* o cartão que na pendencia entre o A. Santos e o Savadinho continha o meu testemunho, visto que da local no passado numero publicado não se depreheende bem a verdade. Diz o seguinte esse extrato: «Americo Chaves de Almeida declara, sob sua honra, que diante de si Alberto Monstarez declarou que Alfredo Santos foi a sua casa duas vezes apenas para recapitular Penal e Commercial.

Lisboa, 16-2-911.

Por este favor fica te muito grato o teu amigo e camarada

Americo Chaves de Almeida.

Coimbra, 25-Junho-911.

Pestana Junior e o partido republicano no Funchal

IV

Historiados os fatos nos nossos artigos anteriores, entremos agora na sua discussão.

Antes porem de nos occuparmos detalhadamente de cada accusação formulada na moção approvada a 10 de Maio pelas commissões partidarias, examinaremos essas accusações em globo e occupar-nos-emos do procedimento das citadas commissões.

N'essa moção fazem-se accusações á honra, caracter e honestidade de Pestana Junior, que nós desde já qualificamos de imbecis e menos verdadeiras. Mas partindo mesmo da erronea hipotese que ellas são verdadeiras e justas, comentemos o procedimento das commissões.

O seu procedimento, n'esta questão, é extremadamente incorrecto e pode mesmo chamar-se pouco limpo! Por um dos seus membros é apresentada uma moção em que se dirigem graves insultos á dignidade d'um correligionario, em que abertamente se lhe faz a infamante accusação de traidor, em que claramente o alcu-

na de aventureiro pouco escrupuloso, e qual é a attitude das commissões, qual o seu proceder? Aprova immediatamente a tal moção, arroga-se ilegitimamente o direito de julgar e de condenar! Com que direito? Em nome de que principio, é que se condena pela simples accusação, sem dar ao acusado o direito de defeza, que todas as leis reconhecem até aos mais perigosos facinoras? Que justiça é a sua? Que garantia nos dão esses homens do seu caracter e dignidade, para se arrogarem o direito de julgar a honra alheia? Em que se firmam para assim, leviana ou maldosamente, marcarem a fronte dum homem com o ferrete duma condenação infamante? Quem assim procede, é juiz ou é bandoleiro? Quem assim condena, é democrata ou é inquisidor?

Mesmo que Pestana Junior, fosse traidor, mesmo que fosse um vendido, mesmo que fosse um aventureiro torpe, as commissões com o seu procedimento, desqualificaram-se. Querendo condenar, condenaram-se, querendo ser julgadores, não conseguiram ser mais do que assassinos da honra alheia.

Dizem-se estes homens republicanos, dizem-se democratas! Querem passar por creaturas avançadas! Arrogam-se o direito de chamar traidor a alguém, quando o seu modo de proceder é uma verdadeira traição a todos os principios de liberdade e de justiça!

Senhores membros das commissões partidarias do Funchal, a palavra republicano não é um rotulo com que se possa incobrir procedimentos de inquisidores. Não é republicano quem o quer ser, é somente quem o é.

Ser republicano não é somente votar n'um outro republicano, não é somente auxiliar um outro republicano ou por amizade ou por interesse, não é só dar vivas ao sr. Antonio Zé, ou ao sr. Theofilo, não é só dar palmas num comicio a um orador, que diga mal da monarchia.

E' mais, é muito mais mesmo. E' aceitar um conjunto de principios cuja realisação pratica se efetiva pela forma do governo republicano. E não é só acerta-los, é tambem amal-os e defende-los até ao sacrificio. E' fazer d'esses principios uma religião, á qual devem obedecer, não só as nossas ideias, mas tambem os nossos atos.

Não devem só as nossas palavras ser de republicanos, porque palavras pode-as pronunciar quem quizer, pode-as dizer o padre Cabral, pode-as dizer o czar de todas as Russias, pode-as dizer o imperador da China, e nenhum d'estes é republicano.

Os nossos atos, principalmente os nossos atos, é que devem ser de republicanos.

E visto que todos os principios democraticos se podem conglorbar n'estes tres: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, é dentro d'esta esfera restrita que todos os nossos atos se devem realizar. Quem assim não proceder é que é o traidor, quem mascarar ações efetuadas fóra d'estes limites com o rotulo de republicano é que é o vendido, quem desprezar estes principios fundamentais é que é aventureiro torpe, porque á sombra dum ideal em que não cre e que não respeita, procura subir ou encher a barriga.

Portanto, em nome da verdade e da logica, declaramos, que se ha traidores no Funchal, esses traidores são os membros das commissões partidarias!

Traidores á liberdade, porque

não a aceitam e até condenam um homem, que no uzo pleno d'esse legitimo direito, critica os atos d'um outro homem.

Traidores á igualdade, porque não dando o direito de defeza a um acusado, negam a igualdade juridica d'ele, e arrogam a si privilegios de julgadores infalíveis, negando-lhe de antemão o direito egualitario, que tem todo o homem livre, de se defender.

Traidores á fraternidade, que manda que os homens se estimem e respeitem mutuamente, porque aceitam e aprovam sem discussão e sem provas, accusações dirigidas a um irmão d'armas, onde não ha o minimo respeito pela sua honra e dignidade!

As commissões partidarias do Funchal, expulsando d'esta forma Pestana Junior, expulsaram-se a si proprias da consideração das pessoas honestas.

Este seu ato, leviano ou mau, teve certamente como causa a sua falsa compreensão do que é ser republicano ou do que é o partido republicano.

Pensam elles que o partido republicano é uma sociedade recreativa, cujas quotas são os apertos de mão e chapeladas dadas ao governador, presidente do tal club, e portanto ao expulsar Pestana Junior, fizeram-no certamente por falta de pagamento de quotas!

Ele não tirava o chapéu a sua Exelencia, não lhe apertava a mão, portanto, não pagava quotas.

Achamos simplesmente fantástico.

Continuaremos.

Palva Lerezo.

“A Revolta”

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas

Trimestre, ou serie de 13 numeros, 350 réis; semestre ou serie de 26 numeros, 650 réis.

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserir-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

Annuncios ABILIO LAÇOS

54 — Praça do Commercio — 55

COIMBRA

Correspondente das Companhias

Maritimas, da Companhia de Seguros de fogo COMMERCIO e INDUSTRIA e do BANCO DA COVILHã

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

DEPOSITO DE SACCOS DE PAPEL

Telephone 295

HOMEM

Offerece-se para serviço de escripturação e contabilidade, n'esta cidade ou fóra. Não faz questão de ordenado.

Rua dos Militares, n.º 33.

AUGUSTO LUIZ MARTHA

SABOARIA LUSITANA

SANTA CLARA Telephone n.º 163

Armazem de Papel e Chã

Deposito de Bolachas e Massas

22, P. do Commercio, 26 Telop. 11

COIMBRA

Antonio Napolés e Ramada Curto ADVOGADOS LISBOA

ESCRITORIO

Rua Nova do Almada, 59, 2.º

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia* e do *Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artisticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVIÇO RAPIDO DE ENCOMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos GAVEAU

Bicyclettes B. S. A. e PEUGEOT

Machinas de costura NAUMANN

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Comercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz,

de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e propios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir. Apparelhos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40

COIMBRA

Recebe COMMENSAES

e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

COIMBRA Rua do Sargento Mór, 50 a 52

Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia,

metaes, trapo, pelles

e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e

BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceu Nacional de Macau, oferecida aos seus discipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 1\$400 réis brochado ou 1\$700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophica, constituindo o seu trabalho uma excellenté preparação para o estudo da historia-contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professor Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do Comercio do Porto.

Preço — pagamento adiantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 1\$200 réis, franco de porte.

Depois de exposto á venda o preço será de 1\$500 réis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será oferecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanheda, MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registo do correio.

Equalmente se accitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (réis 25050) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem quereremos com isto magnar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 81 COIMBRA Arco d'Almedina, 3 e 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lycens, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Offcina montada com machinismo moderno.

Accellam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papeis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestes para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a, Succ.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as prelecções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos *Apointamentos de Processo*, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 800 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para ofertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 1\$200 réis.

Dr. Lobo d'Avila Lima, *Da Concorrência Desleal*, 1 vol. 1\$200 réis.

A REVOLTA

Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico



DIRECTOR — Emílio Martins
Anno 3.º
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 12 de Julho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA",
Composição e Imp., CASA MINERVA, Avenida Navarro
ADMINISTRADOR E EDITOR: PEDRO PALMA

N.º 51

NA UNIVERSIDADE

FÉRROS DE EL-REI...TOR!

Em menos de duas semanas foi requisitada pelo Reitor da Universidade de Coimbra, a prisão de tres estudantes: Aurélio Quintanilha, Francisco Martins de Almeida, ambos militares, e José Vasques Tenreiro.

São elles tres dedicadissimos republicanos revolucionarios, tres queridos camaradas, os dois últimos amigos e colaboradores valiosissimos deste periódico.

Cada um deles, pela sua honestidade, pela sua intelligencia e pelo seu amor á Republica, é demaziadamente merecedor da consideração dos que — governam!

Cada um deles sabe que póde contar com a solidariedade de muitos camaradas que, se assim o quizerem a impulsiva insensatez e o rancoroso espirito de seita universitário, póde e deve manifestar-se violentamente.

O Reitor da Universidade, se o não sabe, deve tê-lo suspeitado já. Mas todo ele arde na absoluta confiança, que diz ter, de todos os membros do governo.

Com intelligencia, com reflectida moderação e sobretudo com humanidade, deve evitar-se ainda o qualquer coisa de desagradavel que póde vir a dar-se, se por caprichoza irreflexão as coisas continuarem assim.

A abolição do foro académico é uma revoltante mentira, se subsistir o peregrino sistema de prisões, a requisição do Reitor por qualquer facto passado fóra da cerca da Universidade...

E' preferivel reforçar a guarda dos archivos e armar os bedéis em generalissimos, como

além fronteira, certo traidor tem feito aos policiaes escapulidos.

E' preferivel instalar no alto da torre a forca, para gáudio dos mestres, e ordenar á cobra que volte a bimbalar a defunctos.

E' preferivel fixar á porta-ferrea um letreiro enorme com a afirmação estupenda, já aí publicamente gritada pelo sr. dr. Daniel de Mattos, de que « a Universidade de Coimbra foi sempre liberal! » e dizer a cada um dos rapazes, metidos em bicha sob o landreiro do guarda-mór:

« Ou crês ou morres! »

O edital da reitoria, em que se determina que sejam encerrados os actos de qualquer cadeira, cujo professor seja dezaçada por qualquer examinando, é simplesmente duma insensatez inexplicavel, até para aqueles que não se esforçam por cobrir a Universidade.

A' mais d'uma semana que ele lá está afixado nos gerais.

Pois « não sairá dali, sob pena de me demitir! » já o disse, o Reitor, conjeccionado, a quem lhe foi falar sensatamente no caso.

... Se não vem de algures vento fresco, aquilo tudo corre risco de morrer de insolação, nesta quentura sufocante de Julho ardente.

A Revolta aguarda serenamente os acontecimentos e protesta toda a solidariedade possivel aos tres camaradas, que se encontram sob férros de El-Rei...tor!

A propósito: é por todas as razões interessante o confronto, que o Mundo á dias fez entre aquella e certo projecto duma comissão.

Iamos jurar em como a Constituição Brasileira não passa afinal dum simplório decalque do citado projecto!

Propaganda

Sabemos que o governador civil do distrito está na disposição de tomar a iniciativa, brevemente, dum intenso movimento de propaganda da Republica e dos principios democraticos em toda a circunvizinhança de Coimbra.

Será a primeira iniciativa official de bom combate á torpissima caciagem da rejião, que outros consentiram, se não sancionaram.

MIUDEZAS...

Andava sinceramente, ardentemente empenhado na restauração da Patria.

A todas as empresas emprestava, com uma facilidade entusiasmada, o seu patriotico concurso e jamais a sua bolsa se negou a esportular uma corôa para festivos foguetes ou a sua eloquencia emperrou em commemorativa inauguração de lapide famosa. Ao seu patriotismo quente e facil nada se antolhava que pudesse impedir ou perturbar a serena e triumphante marcha do seu novo ideal e sorria tranquillizado quando lhe fallavam em conspirações, e prometia, risonho e desdenhoso, arrumar um pontapé desprezivo nos traidores fundilhos do Couceiro se elle um dia ousasse « pousar a desleal e aultada pata no solo sagrado da patria » — «berço de heroes e de ousados navegadores» — costumava acrescentar, emphatico e solemne.

Infelizmente este são patriotismo nem sempre era assim desannuviado e facil. Por vezes mordia-o fundamente um receio — o receio do estrangeiro!

Tinha crises dum terror pavidó e então um grande desanimo lhe desarticulava dolorosamente as suas illusões e elle

via as grandes potencias, coraçadas de ferro e escarificando, regatearem entre si com desplante a posse da sua Patria. Em vão relembra os seus ócos chavões rhetoricos, em vão affirmava a si mesmo « que o estrangeiro que pretendesse esmagar-nos teria de rasgar até á ultima as paginas dos Lusíadas ». Tudo lhe parecia facil e possivel, mesmo este trabalho estopante de rasgar folha a folha um volumoso livro de versos.

No seu terror pelas fortes nações armadas offertava lhes elogios e afagos para as propiciar como se fossem deuses rabujentos e terriveis que é necessario trazer apapricados e contentes para afastar a sua colera. Nas mais miudas particularidades da sua vida era dum meticuloso cuidado em não provocar conflictos internacionais, chegando mesmo a despedir uma cozinheira que lhe estragou uma charlotte-russe, porque considerou o facto uma dupla offensa a duas nações poderosas, a França

A BORLA



(Desenho publicado no n.º 21 da Revolta, de 8 de Abril de 1909.)

Hontem como hoje!

pela charlotte, á Russia pela russe.

Precisamente nessa tarde, quando entrou em casa, ia remoendo, confrangido e transido, uns boatos vagos de intervenção estrangeira, que ouvira confusamente no electrico.

Nem de leve notára, ao entrar em casa, a pallidez atrapalhada da creada que viera abrir e só ao desandar a tranqueta do seu quarto, deante da porta que não cedía, é que saéduu a sua dôr patriotica e atirou, surprezo e irritado, um berro pela mulher. Dentro, no quarto, houve um reboliço confuso e atrapalhado de pés nus sobre o tapete e de moveis arrastados. Uma cadeira caiu com um ruido surdo e molle, vozes ciciavam atrapalhadamente. Metteu um hombro robusto á porta e rompeu pelo quarto, atravez do estilhaçar da madeira, segurando uma pistola. Ante os seus olhos congestionados perfilava-se um homem, que elle não conhecia,

tranquillo e em cuecas, arvorando no côco, que lhe cobria a cabeça, uma authentica bandeira ingleza.

Recuou dois lentos passos, livido, largando mollemente a pistola. Encarou com a mulher, que no desalinho do roupão esperava o momento oppurtuno para se lhe lançar dramaticamente aos pés, como aprendera nos folhetins. E numa voz branca e velada decidiu-se a interrogar o outro:

— O que faz o senhor aqui?

— Eu vinha offerecer-me a V. Ex.ª para ir para a fronteira.

Efféee.

« A REVOLTA »

Vae a administração d'este jornal proceder á cobrança de anuncios e assinaturas.

Que nesta difficil e importantissima operação os nossos estimaveis assinantes e anunciantes nos auxiliem por todas as formas — é o nosso mais sentido voto.

Ecos e comentarios

Prezidencia

Eis o magnifico estafermo! Aquilo, embora aí ande no ar a berra das condições do nosso povo e outros profundos enunciações de profundas coisas, foi lembrança de adezivo, tão certo como certo é o Programa do Partido Republicano Portugues ter sido triste papel, que se foi em buchas nos comícios da opposição.

Constituição

Vai açea a discussão na Constituinte sobre a Constituição Brasileira.

Os jornaes são incançaveis em criticá-la favoravelmente uns, desfavoravelmente outros — está bem de ver.

O REITOR DA UNIVERSIDADE

Quando na cadeira de Pratica um alumno ordinario do 5.º anno juridico foi reprovado pelo professor Francisco Fernandes — professor que, na minha opiniao, a parte a pouca assiduidade, e o unico da Faculdade de Direito que merece este nome — encontrava-se o dr. Daniel de Matos — e eu tambem — em Lisboa.

A reprovacao a que acabo de referir-me deu origem a uma ruidosa manifestacao de desagrado por parte dum numero grupo de rapazes. E o dr. Daniel, reitor da Universidade, lendo a noticia no «Mundo», bem como uma moção que a Academia aprovava, poucos dias antes, protestando contra affirmacoes falsissimas feitas acerca dos actos, o reitor foi logo, com os seus nervos desorientados de impulsivo, falar aos membros do governo sobre o gravissimo... acontecimento e dizer-lhes como vinha proceder. Deram-lhe os membros do governo todo o apoio. E, no dia immediato, tendo nós ambos voltado de Lisboa — ás 7 da manha, quando eu estava no melhor do meu somno, bate-me á porta um autentico archeiro, um archeiro em carne e osso, perfeitamente uniformizado, abrindo para mim um desses carinhos os sorrisos que o pessoal menor da Universidade passou a ter sempre pronto nos labios para qualquer dos rapazes do movimento revolucionario de 17 de outubro.

Trazia uma carta o archeiro, uma carta do reitor para mim e para o José Gomes. Para mim por causa da moção; e para o José Gomes por causa dum papel afixado á Porta Ferrea convidando os rapazes do 17 de outubro a reunirem-se.

E, ás 11 horas já fomos os dois — juntamente com o Rovisco, que o reitor levava tambem á Reitoria — ouvir-lhe a berraria do costume.

— Os senhores tenham cuidado! se os senhores veem fazer a desordem na Universidade, a força publica não entra que eu já lhes dei a palavra de honra de que não deixava entra-la aqui, mas os senhores sam logo entregues ao poder judicial (...)

Tenho o apoio dos membros do governo, de todos os membros do governo! E, alem disto, vou fazer afixar um aviso onde direi que, ao darem-se novos desacatos á independencia dos juries, os actos das cadeiras atingidas por esses desacatos serao immediatamente encerrados.

Os senhores bem veem... Não ha fóro academico... é necessario haver qualquer coisa. E eu tenho o apoio do governo! O apoio de todos os membros do governo!

E foi assim, neste estrambilhamento de nervos, foi neste estado, que o reitor da Universidade escreveu o curioso aviso, — aviso que não nos intimida — hoje mais curioso ainda pela forma como é feita a sua applicação.

Um dia, Aurelio Quintanilha, alumno do 2.º anno de Philosophia, rapaz intelligente e trabalhador, com caracter e desasombro, sentindo-se injustamente classificado pelo professor Alvaro Bastos, espera-o fóra do edificio da Universidade, e pede-lhe explicações e, como estas o não satisfazem, castiga a injustiça vibrando á cara do encapellado — os capellos de philosophia não foram atingidos pelos vandalos do 17 de outubro — um par de socos puchados com alma.

Não foi preciso mais. Ah! temos nós o reitor, com os seus nervos desorientados de impulsivo, a mandar encerrar os actos

na cadeira de Chimica Organica porque tinha havido um desacato á independencia do jury.

— Mas foi fóra do edificio da Universidade... — objecta-lhe alguem.

— Que importa? — Mas é uma questao individual com que os outros alumnos nada tem...

— Não quero saber. E' um desacato.

— Mas ha prejuizos enormes, para os rapazes que pretendem entrar para a Escola do Exercito...

— Que querem? Eu fiz o aviso e hei-de cumprir a minha palavra. E tenho o apoio do governo, o apoio de todos os membros do Governo! E, se o não tivesse, se me dissessem que tinha cometido um erro d'oficio, se me quisessem fazer voltar a traz, demittia-me immediatamente.

— Mas estamos peor que no tempo do reaccionario fóro academico! Nesse tempo, se um alumno castigava uma injustiça dum mestre, só elle sofria as consequencias d'essa desafronta. Agora comprometem-se os interesses dum curso inteiro, e, no caso presente, podem mesmo alguns rapazes ficar com a carreira cortada...

— Sofre o justo pelo pecador, Dei a minha palavra de honra. Hei-de cumprir-la. O aviso ha-de applicar-se.

E não houve de quê.

Dias depois, o patetasinho do Pinto Coelho — lentencia que está cá unicamente porque nós quisemos, tendo nos prometido o Dr. Sidonio, ao tempo reitor, que não lhe consentiria qualquer manifestação de reaccionarismo — é insultado na rua por um alumno que reprovou em Commercial — não sabemos nem queremos saber se bem ou mal reprovado.

E, apesar de ter havido (no pensar de S. Ex.º o senhor reitor) um desacato á independencia do jury e de ter de cumprir a sua palavra, não mandou elle fechar a cadeira e os actos continuam como dantes.

Compreende-se a attitudo do reitor? Percebe-se a razao porque, em casos identicos elle procede de maneira diversa?

Percebe. E' que o reitor é o homem que, ao tomar posse, afirmou e pretendeu demonstrar — ingrata tarefa! — que a Universidade não era reaccionaria. E' que o reitor é esse homem que, ha poucos dias ainda, no elogio funebre dum dos lente mais reaccionarios da Universidade — o Sousa Gomes — disse que este tinha sido um cidadão util á Patria e á Humanidade e que tinha dado aos filhos uma educação esplendida! E' que o reitor é o mesmo homem que a mim, ao José Gomes e ao Acacio Machado disse um dia que, apenas se implantou a Republica, passou para os anarchistas, e começou a ler Malato... E' que o reitor é assim.

Mas não nos parece que para ser reitor, para estar á testa duma Universidade — mesmo quando a Universidade é como a nossa, cheia ainda de aleijões e de doenças incuraveis — seja boa condição o estar sob a alçada do Julio de Mattos.

Santo Antonio dos Olivares, — 11-VII-911.

A. Sobral de Campos.

Dr. Costa Pereira

Este nosso amigo foi nomeado governador civil substituto do districto.

E' a sua honestidade, a sua intelligencia, o seu trabalho postas ao serviço da Republica, o que todos jubilosamente verificamos. As nossas saudações.

Uma opiniao

Patrioticos, cavalheirescos, rubros de fé e entusiasmos os academicos republicanos rezolveram constituir-se em batalhão voluntario, a fim de defender a patria, a Republica.

Longe de mim a ideia de menosprezar gesto tão nobre e generoso de espiritos novos, ardendo no alevantado dezejo de se sacrificar por um idial.

A traição indigna dum grupo de dementados fés vibrar de justa indignação tôdo o bom portuguez e outro gesto não era de esperar da impetuosa fé, da mocidade republicana.

Em teoria, esta rezolução fã-me curvar reverente, e pena tenho de não ser um poeta poderoso para cantar em versos fortes, um himno de louvor, por este rasgo heroico de patriotismo e abnegação.

Mas, perdoai-me correligionarios e amigos, gestos heroicos, ações nobres, rasgos patrioticos, resultam sempre lastimosamente inuteis, quando não devidamente calculados e dirigidos sob um espirito pratico.

O fato da mais bela heroicidade, o sacrificio mais sublimemente audacioso, quando não util, é somente loucura!

Praticamente, a vossa digna rezolução é inoportuna e inútil. Inoportuna, porque, para um batalhão representar praticamente qualquer coisa precisa ser armado, municiado, fardado e principal e fundamentalmente, disciplinado e instruido na arte militar.

O armamento, municiamiento e fardamento, representam um encargo financeiro para o Estado, só justificavel, no actual momento, por uma utilidade directa. A instrução militar e disciplina, adquire-se, não só com a vossa boa vontade, intelligencia e entusiasmo, mas com a aprendizagem feita em exercicios, que demanda tempo.

Portanto, a realizar-se a vossa ideia, a sua utilidade só se tornará real num prazo mais ou menos longo e a sua inoportunidade rezulta de nesse prazo haver tempo e mais que tempo para se poder dar tudo quanto é nosso dezejo a evitar.

Praticamente inútil, porque, dado mesmo o caso pouco provavel, das coisas se conservarem taes como estão, até ao fim do lapso de tempo necessario a realização da vossa ideia, examinemos o quantitativo da sua utilidade.

O governo tem para a defeza da Republica as forças efetivas de terra e mar, que ascendem a 40:000 homens; a primeira reserva, já chamada, ou sejam 20:000 homens a carbonaria, força armada e organizada, que calculo em 6:000 homens. Dispõe portanto para esse fim do total de 66:000 homens e os vossos 100 a 200 rapazes, armados e aguerridos pela vossa ideia patriótica, serão junto d'esse total, inuteis, desnecessarios e ridiculos até.

Concluir-se-ha do que fica exposto, que nada temos a fazer e que nos devemos deixar estar de braços cruzados aguardando os acontecimentos? — Não.

Como homens, como republicanos e como portuguezes, temos deveres sacratissimos a cumprir, aos quaes, sem uma vergonhosa quebra de dignidade, não nos podemos furtar.

Todos amamos devotadamente o nosso idial, todos sentimos igualmente o mesmo ardente dezejo de sermos uteis á patria, á Republica!

Estudemos a forma mais pratica de exercer a nossa atividade, de bons republicanos, no norte do pais, e sem uma exitação po-

nhamos em pratica essa forma aceite.

Ha no norte de Portugal, (aqui falo pela boca do Dr. Alfredo de Magalhães) povoações onde não existe a minima civilização, onde ainda não chegou a republica e onde não é compreendida pela absoluta ignorancia dos seus habitantes!

E' esta ignorancia que o governo da republica teme e não os dementados traidores, cujo numero diminuto e falta de fé não representam valor algum.

O que o governo quer, é evitar, que feita qualquer incursão, esses povos ingenuos e bons mas ignorantes, prestem o seu aussilio a meia duzia de traidores, que a pratiquem. O que quer evitar, é ter que combater pobres e honestos trabalhadores cujo unico crime é a ignorancia. D'ahi a concentração de tropas, d'ahi a manifestação de forças, para provar a esses inflizes, que o seu aussilio prestado a loucos representará tambem uma loucura.

Qual deve ser o nosso dever sabendo da existencia de portuguezes que pela sua falta de illustração constituem uma ameaça ao socoço da patria?

De que arma devemos lançar mão para combater esse mal?

A unica forma de cumprir o nosso dever d'homens que pensam e de republicanos será: não arranjar batalhões, mas formar grupos de propaganda republicana, que patrioticamente se prestem a precorrer o norte, levando a luz fulgente e radioza do idial, que é o nosso, a essa pobre e rúde gente.

E' mais bela, mais patriótica, mais digna de nós, esta cruzada de pás, amor e luz, indo a esse terreno arido lançar a bemdita semente da ideia republicana, fazendo-a germinar ao calor da nossa palavra convicta, fazendo-a florescer sob a febril eloquencia que nos dará a fé e o entusiasmo.

Paiva Lereño.

COMO PUNHOS...

Do nosso prezado collega de Lisboa «O Intransigente», do seu numero 239, recortamos, com a venia que em casos semelhantes é de uso pedir, este pedacinho d'ouro em que as verdades abundam:

CARTEIRA D'UM EXOTICO

Dizem as gazetas:

«Inaugura-se na proxima quinta-feira, na vasta sala da Sociedade de Geographia, a Universidade de Lisboa. A festa, que deve ser brilhantissima, chamando enorme concorrência, começará pelo acto da eleição do reitor, presidindo o sr. ministro do Interior, que proferira um discurso.»

Aqui tem os senhores uma das obras da Republica, que, depois da adherencia á celebre convenção de Berne, tem de ser considerada uma das mais importantes.

Vae inaugurar-se a Universidade de Lisboa, pois era ridiculo que Portugal não tivesse uma universidade na capital, mas dá-se o facto interessante de a esta universidade faltar, contrariamente ao que se esperava, o que não falta a nenhuma outra — uma faculdade de direito.

Ainda nem todos esqueceram uma certa grève que houve na Universidade de Coimbra, aqui ha uns annos grève que deu muito que fallar no paiz e á sombra da qual, verdade, verdade, alguma coisa se especulou.

A academia, que, como se sabe, é soberana, fez algumas reclamações, que os deputados republicanos d'então, em pleno deboche rhetorico, applaudiram com entusiasmo.

Ainda não cheirava a republica estavam longe as responsabilidades do governo. Das reclamações da academia tirou-se todo o possibile effeito oratorio. A rhetorica brilhou e a academia, a soberana, que enchia as galerias, fremia de enthusiasmo.

Entre essas reclamações, que João Franco atirou para o cesto dos papéis velhos, vinha, por acaso, a da fundação d'uma escola de direito em Lisboa.

Passou tempo. Tudo esqueceu. Agora inaugura-se uma universidade em Lisboa, sem faculdade de direito, e o sr. ministro do Interior, que estava na Camara, no dia em que appareceram as reclamações da academia soberana, vae pronunciar um discurso.

Na Camara estão deputados alguns respeitaveis conselheiros, que assignaram, como estudantes, essas reclamações, mas, poderia mesmo apostar, nenhum proferirá discurso a proposito.

E' que não vae o tempo para graças, e, com estes calores que apertam, com os conspiradores que se deixou fugir para a frente, não vale a pena criar dificuldades á Republica.

O que é a logica dos acontecimentos imprevistos.

João Claro.

Aqui está um Claro que vê claramente neste caso escuro. Palpita-nos que deve ser creatura que gastou, nos seus tempos, o melhor da sua cêra com os mais ruins defunctos.

Bem haja este exotico e mais a sua carteira, porque é consolador ver que ainda ha neste paiz alguem que diz verdades sem se importar com a opiniao do estrangeiro ou dos conselheiros.

A' ultima hora

Um numero grupo de estudantes da Universidade, em seguida a ter rasgado o *caual* ultimamente publicado pela Reitoria, protestou junto do Reitor contra as últimas violencias, por elle determinadas.

O Reitor declarou encerrada a Universidade e pediu a sua demissão.

O adeantado da hora não nos permite relato e comentario dos acontecimentos.

Pestana Junior e o partido republicano no Funchal

O primeiro considerando da moção de 10 de Maio acusa Pestana Junior de se ter reunido e ser chefe dum grupo de individuos, que no extinto regimen se tinham evidenciado na imprensa e nas conversas particulares como os mais odiosos inimigos da cauza republicana.

Ezamnemos á acuzação. Na verdade Pestana Junior, entre os seus numerosos amigos politicos, conta alguns que não são republicanos historicos.

Mas não é deste fato, que o acuzam, porque os seus proprios inimigos reconhecem a completa impossibilidade de se fazer na Madeira uma politica de *esclusão*, onde só se pode fazer qualquer coisa, por uma politica de *arração intelligente*.

SECÇÃO LITTERARIA

DIALOGO VOLUPTUOSO

Ninfas do Ceu, as nuvens vem do Mar
De encher as fundas anforas redondas
E em musicais, em voluptuosas rondas
Seus brandos pés de sonho pisam ar.

— « Quem nos estanca as sedes hediondas.
Dizem hervas sequinhas a mirrar,
Nuvens piedosas, fontes a voar
Entornai sobre nós as frescas Ondas. — »

Volvem-lhe as nuvens, cheias de bondade,
Na queda d'água murmura: — « A' vontade
Bebet, inchai as sôfregas raizes. — »

E ouvindo esse piedoso, húmido som,
Arvores, hervas frescas e felizes
Dizem baixinho — « Ah! que bom! que bom...! — »

S. João do Campo.

Jayme Cortesão.

A acuzação funda-se na pretendida qualidade de odientos inimigos da republica, com que pomposamente enfeitaram esses amigos de Pestana Junior. Acrescenta mais, que essa qualidade já se evidenciara, em artigos e conversas particulares, antes de implantada a republica.

A esta acuzação responde-se no Radical de 13 de Maio da seguinte forma:

INTIMAÇÃO

Garantem os homens que no grupo radical ha individuos que se evidenciaram na imprensa como odientos inimigos da cauza republicana.

Por outro lado garantem tambem que o actual governador civil foi sempre um strenuo paladino da cauza republicana, batendo-se com valentia contra os inimigos do seu credo.

Conjugando estas duas afirmativas, intimamos-os a transcreverem no «Povo» os artigos em que o sr. Martins, então director do jornal combateu e rebateu os taes escritos odientos.

Se o não fizeram, de duas uma: — ou mentiram, como rameiras e esses artigos nunca existiram, ou então o sr. Martins deixou-os passar sem protesto e ataque, ficando, portanto, demonstrado, que nunca tomou a serio a defeza da cauza republicana.

Deste dilema não ha que fugir. Até hoje nenhuma resposta veio no Povo a esta intimação!! Mas ainda ha mais. O artigo do fundo do Radical do mesmo dia termina fazendo o seguinte convite:

Sim, faça favor de dizer a respeito de cada um dos redactores do Radical o que tem a dizer, citando nomes e apontando os factos; se não demonstrar as suas afirmativas, nós ficamos autorizados a proclamar que o Povo é uma cisqueira que serve especialmente para pôr a fermentar estercos de burros!...

Fica entendido.

E na verdade ficou entendido e bem entendido porque o Povo não citou fato algum e não tentou provar nenhuma afirmação!

Ainda muitos mais fatos poderia-mos apresentar para provar a má fé e desorientada maldade daquela acuzação, mas julgamos estes suficientes para fazermos um julgo exato da autoridade com que os aprovadores da ta intimação acuzaram e condenaram.

Seguiremos na analize das outras acuzações.

Patrão Lorenço.

NO TIRO AOS POMBOS

— Prompto?
— Prompto!
— Abra!

Sem ruido, mollemente, abre-se uma gaiola e muito sereno, com uma desfaçatez de quem não está para se ralar, um pombo surge e num passinho miudo uceca pelo terreiro um passeiozinho curto, com airozas reviravoltas de cabeça como a interrogar uns patuscos, que cá de longe lhe atiram desalmadamente bolas sobre bolas. Da mesa do jury eleva-se uma voz secca:

— Pode recusar!...

E o pombo decide-se finalmente a voar, certamente chamado por uns collegas já sabedores da marosca, que andam de longe a pairar.

Começa, muito lentamente, a affluir á tribuna, onde se alinham cedeiras, uma reduzida assistencia, e, como, não sei por que bulhas, anda nesta terra o chic aliado ao sport, todo o madamismo que nem chegando é do que enfileira no selecto cá do burgo. Em caudatarios os raffinés da ata gomme da academia, que acodem sollicitos a trazer as encalmadas groselhas e salsas refrescadoras.

Entretanto os tiros soam com estampidos seccos e os pombos escabujam feridos num redemoinhar de pennas soltas. Vão-se vencendo os premios entre a indifferença do madamismo, que palra tão alheado ao torneio como se ninguem estivesse atirando. Em vão Luiz Folque, Aurelio Martins, Elyso de Castro, Antunes Guimarães, Romão Casal, Pedro de Mello, Oliva e outros fazem tiros magistrais. O madamismo continua impavido a preferir aos atiradores os atirações, num manifesto desprezo por todos os pombos que não se apresentem com ervilhas.

Ao cair da tarde o torneio termina, tendo ganho as taças disputadas Aurelio Martins e Dr. Antunes Guimarães, ambos do Porto.

O incançavel Folque reúne os restos da sua boa vontade e ainda consegue distribuir os premios, com duas palavras de lamento e de justa censura pela ausencia dos atiradores de Coimbra.

Querendo, logicamente, dar a nota galante á distribuição dos premios consegue que duas ou tres senhoras se decidam a fazer a entrega dos objectos aos atiradores. E tão gôchemente essas madamas se desempenham da missão, com uns sorrisinhos tão compromettidos de busguesinhas atadas, tão desateviadas de feminina graça, que o meu olho plebeu

ricamente se regosijou com essa atrapalhação dum tão distincto selecto que esbarra e topa ignobilmente quando é chamado a adornar um acto com a sua pretendida linha.

R.

3 FOLHETIM DA REVOLTA

Kova's Palace

Por Emyl-Phelic

I PARTE

As Lagrimas da Esphinge

CAPITULO I

O Palacio abandonado

Na sombra e no mysterio do corredor D. Narciso divisoou ao fundo, la muito ao fundo, um ponto de claridade, que logo elle presumiu, sem presumir muito, que fosse qualquer sahida para o exterior.

O nosso heroe metteu pés á obra e palmilhou, entre receoso e intrigado, aquelle estrado corredor, cujas paredes, revestidas de musgo e outras variedades vegetaes, ressumavam abundante humidade, que escorria lentamente para o solo, ensopando-o.

A marcha foi assas difficulosa. Por várias vezes D. Narciso sentiu enterrarem-se-lhe no solo os pés, que uns preciosos sapatos de verniz, chei Teixeira, preciosamente calçavam.

Foi, então, que D. Narciso de pallido que estava se tornou livido e o complacente leitor, que nos vem acompanhando, por certo interessado, nesta mysteriosa successão de mysteriosos factos, como nós lhe ouviu dizer lamentosamente:

— Raio! Não tenho outros bates!

Por tudo isto e por tudo o mais, que discretamente occultamos, quando o nosso mysterioso personagem chegou ao ponto, agora quadrangulo de claridade, que era de facto communicação para o exterior — uma velha porta escancarada de gonzo partidos — sorrye a longos haustos o ar puro e livre.

Olhou então em frente, prescrutador, ansioso.

Uma espessa floresta era tudo quanto tinha na sua frente.

— Caramba! Qu'até parece o porto dos Bentos, ou Santa Cruz, quicá!

Amanhecia. Seriam 4 e 1/2 da manhã. E o arrebol punha no macisso escuro da floresta tons duma côr original e bizarra.

Coçando a cabeça D. Narciso, dedos imersos na gafarina (não fazia vento), resolveu olhar para traz, para o indeciffravel edificio, onde tão mysteriosamente entrara e donde tão inesperadamente acabára de sair.

O' maravilha! A velha porta de gonzo partidos, havia pouco escancarada, estava agora cerrada, de fechos corridos, como D. Narciso poudo verificar, ao tentar meter-lhe hombros.

Era um verdadeiro tunnel de cantaria a descoberto que tinha sahida n'aquella mysteriosa porta, de gonzo partidos, o que não impedia, como vimos, que ella se fechasse sem que o apurado ouvido de D. Narciso o percebesse.

Para os lados amontoavam-se ruinas dnm edificio desmoronado, trayes, escadas, todo um duplicado madeiramento de interior que o tempo se encarregara de deformar e apodrecer.

O nosso heroe não teve tempo de se compenetrar de como era tudo aquillo, porque de súbito um cão entrou de ladrar furiosa e insistentemente, do lado da floresta, o que obrigou D. Narciso a voltar-se, girando rápido sobre os calcanhures.

Mal elle tinha voltado as costas, pintaram-se lhe no rôsto, terrivelmente livido, taes signaes

de pavor, que tu, amigo leitor, — recordas-te? — disseste com-nosco:

— Diabo! vae dar-lhe alguma coisa...

Verdade, verdade que naquelle momento o espectáculo que se offerencia a D. Narciso não era para menos.

(Continua).

Questões pedagogicas

No antepenultimo numero de este jornal, procurámos responder ao sr. Mendes Correia e estamos convencidos que o fizemos de modo a desfazer por completo as suspeiças que elle lançou, sobre a honradez e seriedade dos magistrados que estão presidindo aos jury dos exames na Faculdade de Direito.

Apesar d'isso e porque o assumpto é grave e melindroso, julgamos de nosso dever abordar-o novamente, tanto mais que nos acodem outras considerações que não podemos deixar em silencio.

Antes, porém, convem frizar e accentuar de um modo inequivoco que, ao tratarmos d'esta questão, não é nosso intuito defender a Universidade de Coimbra, cujo saneamento se impõe, nem tão pouco patrocinar a academia, que pela sua falta absoluta de cohesão provocada por factores de ordem diversa, não merece que por ella quebrems lanças nem que, por momentos sequer, occupe a nossa attenção.

A nossa attitude de sempre, torna-nos por tanto completamente insuspeitos.

Tudo isso, no entretanto, não nos inibe do dever de fazermos resaltar a verdade, quando esta se encontre na imminencia de ser adulterada por quem, por diletantismo, ignorancia, despeito, má fé ou bairrismo mesquinho, sente nisso agradável prazer.

Posto isto, entremos novamente na questão.

São decorridas trez semanas depois que fizemos affirmativas que não soffreram a menor contestação e durante esse prazo a nossa observação desapaixionada, não nos permite que façamos julgo diverso do que então emitimos, porquanto os factos têm-se reproduzido de um modo semelhante e inalteravel.

Até aqui, pode-se afirmar sem receio, os actos que se têm realiado, revelam uma applicação e aproveitamento igual, senão melhor, do que em annos anteriores.

Sobre este ponto não vemos mesmo a menor necessidade de insistir, pois que os exames, sendo como são, actos publicos, estão ali para serem vistos por quem quer que seja, e criticados por quem para isso tiver a devida competencia.

Não é de longe, servindo-se apenas de um injustificado pessimismo e de um criterio falho de honestidade, que se pôde fazer uma critica que, por demasiado acerba, irrita e fere.

Mas, é bom não esquecer tambem, o sr. Mendes Correia estabeleceu, certamente num momento de irreflexão, confrontos que mais contribuiram para que parte das suas diatribes, redundasse em qualquer coisa de menos verdadeira e sensata.

Esse sr., como já tivemos occasião de dizer, apresentou a Escola Medica do Porto, como a unica excepção a essa fallencia moral e intellectual que se estava produzindo em todas as escolas superiores do paiz, e principalmente na Universidade.

Ora, por mais elevada que seja a consideração que nos mereça não só o corpo docente mas ainda o corpo discente d'esse estabelecimento de ensino, o que é positivamente certo e amargamente verdadeiro, é que essa excepção foi dolorosamente infeliz. Pondo já de parte as prero-

gativas especialissimas que este anno foram dadas aos alumnos das escolas-medicas, apesar de pertencerem a um regime transitorio, e das quaes resultou o facto extraordinario de verem reduzido o numero de exames, pela suppressão de provas em diversas cadeiras do curso, e terem além d'isso, o que é ainda mais extraordinario, pontos para esses actos, sobre os quaes apenas os alumnos são examinados, sem que no jury estejam elementos estranhos a essas mesmas escolas, pondo já tudo isso de parte, diziamos nós, recommendamos ao respeitavel publico o resultado geral dos exames feitos na Escola Medica do Porto.

Ante a ausencia completa de reprovações, pasma a gente de tanta sabedoria e aproveitamento num curso medico onde, como se sabe, a frequencia foi irregular e no qual só pôde haver esse aproveitamento quando a assiduidade seja completa, visto a feição caracteristicamente pratica que têm esses cursos.

Será sciencia infusa por parte dos examinandos? Será benevolencia por parte dos examinadores? Será uma e outra cousa? Não será nada d'isso? Não sabemos.

O que vemos no sr. Mendes Corrêa, que bem conhece a razão do facto, é ainda a injustificada rivalidade entre escolas, que sómente desaparecerá quando haja uma outra cultura mental e civil, dando logar a uma verdadeira solidariedade academica, sem preocupações de bairrismo, que, longe de enobrecerem o individuo, apenas revelam e traduzem uma vacuidade de espirito e um sentimento de inveja ou despeito nada compativel com a dignidade humana.

— Acabavamos de escrever á pressa este artigo quando tivemos conhecimento de que o sr. Eduardo d'Abreu, ha dias numa entrevista com um redactor d'A Capital, fizera igualmente apreciações injustas acerca dos actos que se estão realisando em Coimbra. Acredita mos que não tenha havido por parte d'esse cavalheiro má fé ou vontade de faltar á verdade.

Para lhe fazermos a devida justiça admittimos que elle haja sido lubibriado com falsas informações e que, acceitando-as como boas, praticou a leviandade censuravel de, por ellas, fazer um julgo que degenerou afinal em tolice.

E nada mais.

Estudantes republicanos

UMA CARTA

Coimbra 8-7-911

Recebi uma carta do nosso collega Alberto Souto disendo-me que, detido em Aveiro por trabalhos de que resultaram as prisões ultimamente effectuadas naquelle cidade, não pode assistir á sessão da camara de 30 de junho e só por esse motivo deixou de protestar contra as incorrectas palavras do ministro do interior. Mas, solidario com a academia republicana, na primeira sessão a que assistiu enviou para a mesa a seguinte declaração:

« Declaro que se estivesse presente á sessão em que o sr. ministro do interior increpou em termos violentos os estudantes republicanos de Coimbra, protestaria contra as palavras de sua Ex.^a que julgo improprias de um estadista e de um ministro da Republica.

O deputado,

Alberto Souto.»

Peço-te que, por intermedio do teu jornal, leves este facto ao conhecimento dos academicos republicanos.

Dispõe sempre do

Ludgero Neves

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia* e do *Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artisticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVICO RAPIDO DE ENCOMMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **GAVEAU**

Bicyclettes **B. S. A. e PEUGEOT**

Machinas de costura **NAUMANN**

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Comercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos deem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e propios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40

COIMBRA

Recebe COMMENSAES

e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

COIMBRA — Rua do Sargento Mór, 80 a 82

Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia,

metaes, trapo, pelles

e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceo Nacional de Macau, offerecida aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 1\$400 réis brochado ou 1\$700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophica, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professor Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do *Comercio do Porto*.

Preggo — pagamento adelantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 1\$200 réis, franco de porte.

Depois de exposto a venda o preço será de 1\$500 réis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será offerecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanhede, MIRA

São egualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registro do correio.

Egualmente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (reis 24050) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem quereremos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 91. COIMBRA. Arco d'Almedina, 2 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lyceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officina montada com machinismo moderno. — Aceitam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papeis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestos para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a, Sinc.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as prelecções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos *Apontamentos de Processo*, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 300 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para ofertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 1\$200 réis.

Dr. Lobod' Avila Lima, *Da Concorrença Desleal*, 1 vol. 1\$200 réis.



A REVOLTA

Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

Director — Emilio Martins
Anno 3.^o
Redacção e Administração
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 19 de Julho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA."

Composição e Imp., CASA MINERVA, Avenida Navarro

N.^o 52

Administrador e Editor: PEDRO PALMA

Salvé Republica, morituri...

Coisa mudavel é o povo na verdade; sóem dizer os philosophos indigenas; mais mudavel ainda do que o povo é o animo dos governantes.

Vae entrar na cadeia esse grupo de rapazes, que arriscando tudo pela verdade e pelo direito não estiveram em esmagar uma injustiça com a violencia da sua alma de noivos, com o viril arretamento dos seus corações generosos.

É o ministro do interior de braço dado com a reitoria da universidade, numa familiaridade amorosa de noivos de poucos dias quem cerrará sobre as suas almas, que synthetizam o grande ideal emancipador do Futuro, o pezado portão do carcere, que representa a força bruta da materia acorrentando o espirito, o horrivel poder da treva asphyxiando a luz.

Pois é o homem que andou na opposição fazendo a apologia da revolta, que fez na camara o elogio da homba, que não contente com condemnar á pena ultima a sciencia da velha cavallaria de D. Philippe chegou ao exagêro de ameaçar o equilibrio das suas paredes, quem vae perseguir meia duzia de moços porque tiveram o arrojo de gritar um pouco mais alto o seu protesto, contra o espirito inquisitorial caviloso e jesuitico dum edital, que creio ter sido dictado pela alma errante de Torquemada, accorçada a um canto da sala das Congregações.

É este facto que enche a vossa alma de indignação e de raiva, enchê-la-lia de profunda tristeza se vós não reconhecesses a toda a gente o direito de rasgar numa hora a sua obra de toda a vida, de renegar num minuto o seu passado de muitos annos.

Mas já não é a lastimavel inconstancia dos homens o que mais nos penalisa, é ver a gente a sombria realidade que faz com que a historia não seja muitas vezes senão a cega repetição de coisas vividas.

Quando João Franco quiz afogar o movimento academico de 1907 no odio dos conservadores, disse que os estudantes estavam sendo explorados pelos republicanos.

Pois hoje para chamar sobre a cabeça da mocidade o odio e o desprezo do povo, ha nove mezes senhor dos seus destinos, diz-se que o movimento universitario é movido pelo Paiva Couceiro!

O processo é o mesmo, a infamia é que augmentou.

É ha-de ser assim por estes trucs canalhas, que um estranho

demnarem tambem como conspiradores.

Na verdade se essa accusação pezasse sobre vós, difficil seria que vos absolvessem.

Quem vos reconheceria a qualidade de republicanos ou de revolucionarios?
— O Reitor!? — É de tão fresca data o seu republicanismo, que não admira que vos não conheça.

— O Director geral?! Mas esse andava tão distraido da actividade revolucionaria por esse linguço Paris de França, levado pela necessidade de estudar as urethras alheias ou cedendo ao pavor anal da maldita revolução, que apenas cá appareceu depois della, para ensinar ás gentes como se ganha uma eleição em tres tempos, e sem necessidade de irrigador.

Difficil será que vos reconheça. Resta o ministro e esse reconhece-vos; mas ha-de ter a força sufficiente para ir dilatar a sympathia que todos lhe merecis e levado pela preocupação suprema da salvação da paz burgueza, e fechará os olhos para vos não ver, com o pensamento fixo na figura lendaria de Bruto, que não esitou em condemnar á morte o proprio filho.

É deste modo o seu coração sangrará, as lagrimas poderão talvez cair pela sua face austera — a quantos sacrificios a amizade obriga — mas vós haveis de ver sempre a sua bocca fechada e o seu braço armado da clava de Hercules prompto a bater-se por sua dama D. Universidade.

Poderá reconhecer-vos o povo mas esse que pela sua arreigada convicção democratica mereceu outrora os panegyricos façeis de comicio, principia já a irritar os nervos dos dirigentes com a sua teimosia em pugnar pela justiça, e começa a deixar de ser o povo irmão, soberano e omnipotente para ser a canalha que pede bordoadas como pão para a bocca.

Envolver-vos-ha portanto o pescoço o barão fatidico. Mas nessa terra conselheiracacicamente solemne fazei um pequeno esforço e não vos esqueça deixar como lembrança aos que cá ficam, a despedida symbolica tão grata a S. Francisco...

Estava criada a atmospheria e só um paranoico ou um larvado podia ir ao encontro dos factos sem presentir a tempestade. E foi assim como conclusão fatal de permissas postas que o movimento estalou...

Al vão vós portanto, ser entregues ao carrasco, com passagem previa pelo oratorio onde vos será a alma encomendada pelo latim do ministro, do director geral e do reitor.

E felizes serão se vos não con-

DESAFRONTA



(Desenho de Emilio Martins.)

ha de luz e uma caricia espiritual deliciosa virá espalhar a felicidade em torno dos corações.

Não houve nunca beijo de amante que mais deliciosa voluptuosidade trouxesse que o só afagamento entresonhado desse contacto. E tereis a intuição nitida da Ideia grande e generosa pela qual tantos marcharam cantando ao cadafalso.

Republica, formula de Justiça e expressão de Amor!

Foi com a sua imagem posta no coração que combastes o bom combate que não acabou ainda. Por ella sofrestes e vos sacrificastes, por ella expositestes a vida muitas vezes.

Nas noites frias interminaveis de inverno, quando os intellectuaes e os lentes que ora triumpham dormiam a somno solto depois do *bridge* aristocratico do club, affrontavam vós a humidade lobrega do subterraneo onde os filhos do

povo, os operarios, os estudantes e os soldados vinham jurar sobre um punhal, dar a sua vida pela Republica.

Não havia lá conforto de nenhuma especie.

O chão lageado duma frialdade que se entranhava nas carnes e subia pelos corpos, dava uma impressão original e desagradavel de desconforto e de tedio.

Pelas paredes, como unicas

alcantifas, havia a viscosidade dos seculos a encobrir-lhes por completo a cal.

Era um logar de sacrificio e quem lá entrava deixava cá fóra o apego á vida — juntamente com a cobardia e o medo.

Correram mezes, mas talvez algum de vós, daquelles que por lá passaram que não foram muitos, ainda vá curar o reumatismo que lá apañhou, nalguma cella da Penitenciaria.

Como é triste afinal: a auto-destruição revolucionaria que em França começou pelos dirigentes, pelos que tinham mais responsabilidades, começa em Portugal pelos mais novos.

E assim os homens que mandam, na impossibilidade de se vingarem uns nos outros, vingam-se na mocidade.

Ah! que talvez um dia a Justiça troque os pesos da sua balança e então...

E sereis presos...

Olhando então para o passado, vendo o vosso esforço calcado aos pés, a vossa honestidade posta em duvida pelos profissionaes da intriga, os vossos intuitos envenenados por bandidos de officio, haveis de sentir a consciencia revoltada e sem quererdes, inconscientemente erguer-se-hão os punhos cerrados para a figura radiosa da Republica que allorará á porta do carcere, serenamente.

E nessa hora de indignada

revolta não exitareis em lhe atribuir todas as responsabilidades.

Chamar-lhe-heis criminosa, chamar-lhe-heis hypocrita e haveis de compara-la até a figura repellente de Saturno, que fazia gala em devorar os proprios filhos.

Mas passada a primeira impressão virá a reflexão e a calma apontar-vos a sem razão do raciocínio.

E quando virem que a Republica continua a manter intacta a sua virgindade classica, que ella não pôde perillar as infamias que em seu nome se praticam, e que, hoje como sempre, continua a merecer e a exigir que a libertem dos que a prostituem, vocês não hesitarão em cair de joelhos no chão lageado do carcere e em dizer-lhe com anceada energia: — «Salvé Republica, até mesmo na hora em que nos roubas a liberdade e a vida, é teu para sempre o sangue das nossas veias e a energia da nossa alma!»

Lino Gameiro.

17 de julho.

A tyrania universitaria ainda hoje exuma do passado as cavalleiras do espirito inquisitorial, que sempre tem amparado, nos solavancos de historia, a pezada e sombria carroça da Minerva coimbrã.

No livro do Dr. José de Almeida. Desafronta, a pag 5

Ecos e comentarios

Retorica de pedra

O Ministro do Interior, no discurso de inauguração da Universidade de Lisboa, disse desejar que a sua Reforma da Instrução Primaria fosse um rochedo no oceano das paixões!

Descance S. Ex.ª! A Reforma é sua filha dilecta e quem sae aos seus não degenera. O tempo se encarregará de demonstrar que ella é rochedo e do mais rijo granito.

O Tribuna Calhordas

Nos tumultos de hontem á noite admirámos a eloquencia tribunicia dum sr. Braga, Calhordas de sobriquet. Arengando ao povo S. Ex.ª cantou, como uma linda voz, a aria dos «legitimos interesses», e tão sentidamente piou, que não hesitamos em classificar a sua eloquencia de — noventa por cento ao anno.

S. Ex.ª a Imprensa

Como de costume em casos identicos, a despeitavel matrona, por intermedio da proza desenfatiados dos variadissimos belos, desembestou contra os discolos dos acontecimentos universitarios, refinando mentirozas e torpezas de todo o tamanho.

Darmo-nos á paciencia do desmentido não é nosso intento. Tal não se conforma com o nosso estado de solteiros.

De resto — ha' algum fiel patife aguardando desmentido á desopilante afirmativa, de que tenham sido agentes de Paiva Couceiro, os taes discolos.

Guarda republicana

Vem para ahi assistir aos actos, segundo corre, uma força da Guarda Republicana.

E' uma medida de grande alcance do sr. Ministro do Interior, o «apostolo da instrucção», porque é uma maneira indirecta de formar em Direito as sospeiras de Lisboa.

Rocinante

O Dr. Daniel de Mattos, o «cavaleiro andante da justiça», como lhe chamou o Ministro do Interior em lapidar estilo romantico, quando á dias foi a Lisboa, era aguardado na estação do Rocio por aquele ministro, mais o especialista das vias urinarias da Instrução publica.

Cavaleiro de tal especie requer — rocinante e Sancho Pança. Ora os jornais esqueceram-se de nos dizer se um e outro compareceram na estação.

Um documento

Alguns amigos insistem conosco pela publicação da cópia da carta enviada ao Ministro do Interior, em 14 de Outubro de 1910, por um grupo de estudantes revolucionarios da Universidade, annunciando o 17 de Outubro, carta que o referido ministro não recebeu, como affirmou.

O insistente pedido dos nossos amigos fica hoje satisfeito. Adecante em local propria vai transcrita a carta, que foi assinada por 7 estudantes, sendo 5 de Direito.

E' um documento curioso, que o leitor não desdenhará conhecer.

Um poeta

Na secção litteraria do presente numero vão uns versos que um nome esquecido ou ignorado assigna. Julio Ripado, que ha quatro annos morreu, era uma bella esperanza. Com Mario Beirão elle seria actualmente para nós uma consoladora garantia de poesia portugueza, tão achacada de nephelibatices chóchas hoje em dia. A sua maneira desprezenciosa encanta, como encanta a novidade dos seus motivos.

O «Zé Cego»

Tambem o Zé Cego, hontem á noite, por essas ruas arengou, evocando a tradição, contra os «filhos desnaturados que pretendem abandonar a mãe». Estas metaphoras, desculpaveis no pobre Zé, eram apoiadas pelos grupos que em volta se reuniam e sublinhadas com «morras aos traidores».

Symptomatico tudo isto!... O Zé Cego, o cidadão Calhordas!... O que terá já gaguejado sobre o assumpto o Béba?

Bandidos e sicarios

A Republica, órgão do sr. Ministro do Interior, num artigo de fundo que mais parece uma descompustura de senhora vizinha de soalheiro, trata os estudantes, que tomaram parte nos movimentos universitarios, de sicarios e bandidos.

Para isto só ha uma resposta: — Sicario e bandido era a sua avó.

Si játais roi...

Na Desafronta, a pagina 171, diz o sr. Dr. Antonio José de Almeida:

«Se eu fosse lente, a minha vida seria uma luta constante com esses illustres collegas que praticam toda a casta de injustiças, impellidos por toda a casta de despeitos.»

Sabe-se lá o que está dentro da uva, como dizia o outro! Também ninguém havia de dizer que o revolucionario Antonio Zé vinha a crystallizar no pacificante Ministro do Interior.

A culpa disto pertence inteiramente ao lente. Contra o statu quo existente, o estudante só tem duas soluções: revoltar-se ou subornar.

Desafronta a pag 111

Fui aggressivo para alguns? E' claro que fui. Não me provocassem.

Desafronta, a pag 89

MIUDEZAS...

Havia na sua maneira de andar, muito sacudida, com meneios de femea ciosa nos quadris, contradicções flagrantes de sexo.

Quando elle passava, com o seu corpo de feminino talhe languidamente cingido por uma batina-sobrecasaca de largas bandus de seda, deixando atraz de si um rastro penetrante de perfumes exquisitos, criavam-no de graçaças, de ironias.

— Como ella vae linda...

— O coiso, traz-me o dinheiro para vinho...

Outros, então, graves Catões academicos, cuspihavam para o lado o seu nojo e esbarrondavam-se em grandes exclamações indignadas.

— O grandessissimo porco!

— E' a vergonha da Academia!

Mas elle seguia o seu caminho, desdenhoso e indifferente, desdenhosamente atirando para o ar o fumo tenue dum precioso Laferme.

E, por toda a parte, as mesmas graçaças, as mesmas ironias o acolhiam. Os republicanos, principalmente, chegavam a ser cruéis, faziam-lhe verdadeiras touradas. Compreendia-se a má-vontade dos republicanos: a fidalguia era o outro seu iraco. Levára mezes, revolvendo archivos e pergaminhos, em cata dum remoto antepassado, que trouxesse ao seu sangue charro de plebeu, a enxertia aristocratica de algumas gottas de sangue azul.

Dessas pesquisas, resultara-lhe pôr de parte, como quem deita fóra a ponta opiada dum charuto, appellidos burgueses de familia, logo substituidos por appellidos complicados de avoengos illustres. Estreitara mais o circulo das suas relações e a um canto dos seus cartões de visita encolhia-se, desde a feliz descoberta, envergonhado, um braço desenterrado do pó dos archivos.

Com a mania da fidalguia, elle era necessariamente muito monarchico, furiosamente monarchico. Socio do centro da rua do Cosme, não faltava a uma sessão, sendo rara aquella em que a sua vozinha esganiçada se não fazia ouvir na proposta dalgum telegramma de felicitações ou de peza-mes ás majestades.

Quando da ultima visita de D. Manuel a Coimbra, na Sala dos Capellos, a voz enrouquecera-lhe no entusiasmo dos vivas, e havia quem affirmasse tê-lo visto mandar ao rei, na palma da mão, um largo beijo...

Quando os primeiros rumores de conspiração começaram de circular, logo elle foi alvo de desconfianças, de suspeitas. E immediatamente se pozeram na sua cóca dois da «estaporada», dos mais sollicitos e dos mais dedicados. Dia e noite, rondavam-lhe a casa e imediações; seguiam-no para toda a parte como um perdi-queiro ao dono.

Mas viam-no sair, ir pela Universidade, circular pela

Baixa, entrar numa ou noutra loja e recolher cedo, muito sereno, muito tranquillo, desdenhosamente atirando para o ar o fumo tenue dum precioso Laferme.

Já desanimavam, quando certa noite, numa volta apertada de viella, o foram encontrar a conversar com um segundo-sargento, espadado e corado, vagamente suspeito de conspirador. Aquelle encontro, daquellas horas, naquelle sitio ermo, foi para os dois dedicados carbonarios como para o pescador á linha o peixe que finalmente pica no anzol e nelle fica preso pelas guelras: as suas canceiras não tinham sido infructiferas, os seus passos não tinham sido perdidos, a Patria, a Republica — cáramba! — devia-lhes mais um assignalado serviço!

Assim pensavam, intimamente satisfeitos, quando viram os dois suppostos conspiradores tomar para os lados do Choupal; e então, como de noite os contornos indecisos das coisas se desenhavam nítidos á luz dum relampago, assim, na evidencia daquella direcção, as suas desconfianças se tornaram certeza.

E pozeram-se a perseguilos, de longe, com infinitas cautellas, silenciosos.

Logo á entrada do Choupal, os dois vultos escoaram-se por uma vereda escura. Com todas as precauções, com todos os cuidados muito sorrateiramente, de botas na mão e a respiração suspensa, os dois incansaveis carbonarios para lá se encamiharam, cozidos com o negrume duma sebe.

Quando, porém, julgavam ouvir palavras terriveis de extermínio, aos seus ouvidos soou um murmurio arrastado de beijos, de caricias... Num instante, comprehenderam tudo. Dum salto, como gato sobre rato, correram para o sitio onde os dois vultos tinham desaparecido, tragicos, tragicamente empunhando as Brownings; e sobre o murmurio arrastado de beijos e de caricias, uma voz elevou-se no ar immovel, num intimativa formal:

— Também queremos!

O meio universitario é especialissimo. Coisas que qualquer homem, mesmo corrupto, trepidará em fazer e se envergonhará de revelar, fazem-no certos lentes, com o impudor hiliariante de quem se julga um dandy, mostrando as ceoulas sujas.

Conheço aquillo como as minhas mãos, e, durante seis annos, que andei pela faculdade de medicina, a dar encontros e a recebê-los, presenciei a desvergonha, sob novas formulas, e a infamia sob aspectos originaes.

Desafronta, a pag 104

A REVOLTA

Vae a administração d'este jornal proceder á obraça de annuncios e assinaturas.

Que nesta difficil e importantissima operação os nossos estimaveis assinantes e annunciantes nos auxiliem por todas as formas — é o nosso mais sentido voto.

OS FACTOS

O caso Quintanilha. — O edital da Reitoria e a sua extensão.

Cabia bem neste artigo um longo sub-titulo, á boa maneira da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, em que se resumisse e dissesse que elle é a verdadeira, a imparcial narração de tudo quanto se tem passado na Universidade, depois que a Reitoria pariu o «celebre edital», filho posthumo do finado fóro academico.

O estudante Aurelio Quintanilha, num legitimo direito que assiste a todo o cidadão, esbofetou o lente de philosophia Alvaro Bastos, que injustamente e muito de caso pensado lhe não deu a classificação merecida, o que profundamente prejudicou aquelle nosso collega, estudante distinctissimo e pobre, que muito trabalhava para alcançar elevadas e merecidas classificações, não para as ostentar vaidosamente, mas para, por meio d'ellas, conseguir que a sua carreira academica possa ser levada a cabo sem embaraços. Quintanilha, no seu desforço, procedeu corretamente e com methodo. Não convidou ninguém para assistir ao espectáculo nem para lhe guardar as costas, como malevolamente se tem affirmado, e socou serenamente o lente injusto com aquella tranquillidade com que em funcções semelhantes costumam operar os que vingam uma affronta e uma injustiça. Isto passou-se longe da Universidade, no Arco do Bispo, junto ao Restaurante dos Caçadores; e o Reitor mandou encerrar os actos na cadeira de chimica, applicando o famoso edital a um caso absolutamente pessoal, estendendo assim a sua jurisdicção até ao Arco do Bispo, saltando indevidamente por cima da Sé Nova e do bom senso. Com tal largueza de attribuições, que S. Ex.ª se concedeu, é caso para agradecer não lhe ter dado na reitoral ganá mandar fechar o restaurante dos Caçadores, o estabelecimento mais proximo do local do dezoato.

Quintanilha foi preso, levado para o quartel, processado, e o sr. Reitor ficou triumphante e convencido de que era um pulso de ferro para estes casos bicudos.

Nos actos de Botânica. — Accusa-se o Jury de arbitrariedades. — A gá-sua reitoral fecha a cadeira.

Dias passados, quando o Reitor descancava, confiante na docilidade do rebanho, um novo caso surge. Um grupo de estudantes de philosophia entra na aula onde se effectuavam os actos de Botânica e increpa o jury pela maneira como vinha procedendo, arbitraria e injustamente, francamente confiado na impunidade do edital, que põe os juries a coberto de qualquer reclamação por parte dos estudantes suspendendo-lhes sobre a cabeça a ameaça do encerramento.

Dado o rebate o Reitor correu ao edificio do Museu, empunhando a chave vingadora, e encerrou a cadeira de Botânica. Ao acto solenne de mais este encerramento compareceu um pessoal numeroso: archeiros, na sua maxima força, amanuenses, empregados dos laboratorios e da morgue, até o «homem da móca», a quem a rapaziada fez uma manifestação, uma especie de enxotações da vizinha Sé, que na prossição do Corpus-Christi costumava transportar, muito solenne, uma enorme meça dourada. Todo este pessoal, numeroso e carrancudo, ajudou o Reitor a dar as duas voltas á chave com que encerrou mais esta cadeira.

Deste caso resultaram duas prisões: a do estudante Francisco Martins d'Almeida, militar como o Quintanilha e como elle velho republicano, e a de José Vasquez

SECÇÃO LITTERARIA

Os meus versos

Eu tive, um dia, a santa ingenuidade
De crer nestes meus versos innocentes:
Idealizei-os ampla novidade,
Diferentes dos outros, diferentes!

Que elles dissessem, froixos ou ardentes,
Qualquer coisa de originalidade,
Que fossem versos meus, os dissidentes,
Foi esta a minha unica vaidade!

E nada consegui!... baldado intento!
Como o universo, é velho o pensamento,
Nada posso criar novo e bemdito!

Eu sei, eu sei, ah! como tu falbaste,
Chimera ingenua que me enamoraste;
O que os meus versos dizem já está dito!

Julio Baptista Ripado.

Tenreiro, tambem correligionario e collega, a quem um juiz arbitrou primeiro a fiança de 500000 réis, porque o supunha anarchista, contentando-se depois com 100000 réis quando o soube simples republicano.

Mettidos a ferros mais dois estudantes e encerrada mais uma cadeira novamente o Reitor repousou, convencido que em reitor ninguém lhe dava cheque.

Intervem a Phalange. — Interrompem-se os actos. — O Reitor despe o frack.

Fechada no seu egoismo uma parte da Academia esfregava as mãos, satisfeita por não lhe ter tocado pela porta um encerramento e, numa criminosa, numa nojenta indiferença pelos collegas que se estavam prejudicando e soffrendo innocentemente com o encerramento das duas cadeiras, preparava-se para papar o ultimo acunho e marchar para a terra, empanzinada de sebenta, a dar gosto á familia e a derriçar com a noiva. Ora a Phalange (vá lá o nome, já que pegou) não pode ver estas coisas, apesar de ser composta por bandidos e sicarios, como buzinou o canudo do Sr. Ministro do Interior. São bandidos de bom e generoso coração, sicarios destes que apparecem nos dramalhões, com o bacamarte aperrado e a lagrima facil, uns patifes muito sympathicos, ainda que peze ao articuleiro que bolsou as palavras amaveis que na Republica se leem. Não gostou, pois, a Phalange deste estado de coisas e determinou esta coisa simples, justiciera, encantadora de equaldade e fraternidade: actos para todos pelo encerramento para todos.

A Phalange é pratica, descrede do paleio, das representações, das mensagens, das reuniões da Academia. A Phalange é pelo facto, e por isso a Phalange, impavida, entrou na Universidade e obrigou, pelos meios suavos e praticos que o seu programma permite, o Reitor a encerrar os actos em todas as cadeiras de todas as Faculdades.

Rasgado o edital famoso, dispensado pela Phalange o jury de Direito Administrativo de continuar nas suas funções, forçada a Porta-Ferrea, que o Reitor mandara fechar, defrontou-se a Phalange com o Reitor em plena Via-Latina. Perante a rebellião que avancava parou o sr. Dr. Daniel de Mattos, bracejando e protestando, e no meio do esparto geral o sr. Reitor despeu o frack, desabotoou o collete, arremançou a camisa.

A assistencia, pasmada, julgou que S. Ex.ª ia desafiar a Phalange para um encarnizado match de jin-jitsu.

O Reitor offerece as barbas á vindicta academica. — Offerece tambem o coração. — Ninguém aceita. — O Reitor arrega em linguagem medica e veste o frack

Devidamente arregaçado, como para um parto laborioso, começa o sr. Dr. Daniel a bater no peito largas palmadas, a puxar pelas barbas, clamando que ali tinham o seu coração para ferir, as suas barbas para arrancar. A inutilidade deste gesto (que muito deve ter agradado ao sr. Antonio José d'Almeida, espirito propenso a romanticas tiradas de quinto acto) resultou bem manifesta aos olhos do sr. Dr. Daniel de Mattos, porque ninguém ali estava para matar S. Ex.ª nem tão pouco para insultar os seus cabellos brancos. Estava-se ali para protestar contra um funcionario e não para desrespeitar um homem, que, quando outras razões não existissem, se impunha á consideração de todos pela sua idade. Nenhum insulto pessoal foi proferido apezar da exaltação dos animos.

Por entre o vozear dos protestos e das reclamações, que de todos os lados surgem, o Reitor declara que vai encerrar todos os actos, que vai telegraphar, pedir a demissão e que entrega a Reitoria ao Dr. Guimarães Pedrosa. Declara ainda que o que acaba de succeder o magão mais do que um traumatismo e veste o frack e abotão o collete, enquanto os estudantes Sobral de Campos e Videira, expõem as reclamações, reclamações que anteriormente tinham sido apresentadas ao Dr. Daniel de Mattos.

No meio do chinfrim que se estabelece algumas catholicas faces de protestantes, que apparecem a discordar, são amolgadas a socco, enquanto o Reitor desaparece, envolvido na onda de lentes, juizes, archeiros e bedeis que fervilha em torno delle.

Desde então dois policas guardam, somnolentos e dignos, os penetraes do laboratorio da sebenta.

O lento, na cathedra, exhorbitava? Pateada. O lento passava olympico, sem baixar o olhar tyranno sobre a turba? As troças academicas. Abria a reitoria a jaula do molosso do foro? As assembleias geraes dos rapazes trovejavam, revoltando-se. A universidade e a academia travavam-se em desordem, arcando-se como duas potencias, que se conhecem um valor mutuo e se têm um odio igual. Sendo assim, os lentes combatiam com a arma que a lei lhes dava: o foro academico; e o estudante, com essa outra arma que o direito lhe impunha: a revolta.

Desafrota, a pag 301

A ORDEM!

« Pelo ministerio do interior foram dadas instrucções ao governador civil de Coimbra para, de accordo com o reitor da Universidade, manter a ordem nos actos que all se vão realizar, fazendo entrar na sala a guarda republicana, se tanto for preciso. »

E' do Mundo que transcrevemos a nova que ai fica para espanto dos injénuos.

Os jornais da época da dictadura franquista estão cheios de noticias officiais do genero — ordem e espécie — arrocho, em que justamente devemos integrar a nova transcrita.

Mas confessemos que o torvo dictador João Franco na questão academica de 1907, que tanto interessou o partido republicano, não mandou a Coimbra a guarda municipal (hoje republicana) para sitiar a Universidade!

A sua ansia de sangue e a sua epileptica preocupação da ordem ficaram-se na brandura da remessa, em pequena velocidade, de certo chefe Dias á frente dum troço de policas, que se limitaram a envergonhar os collegas indigenas, pelo seu aprumo e pelas suas barbas.

O Dr. Antonio José de Almeida era então deputado e ele, como os seus collegas republicanos, acuzou violentamente João Franco de querer socar a «nobre mocidade academica» a murro policial.

A «nobre mocidade academica» transmudou-se em — sicários, como á dias o jornal do Sr. Ministro do Interior chamava, certo de impunidade, aos discólos de hoje, republicanos, revolucionários, intrasigentes de 1907.

João Franco, ainda quando no auge da sua furiosa perseguição aos estudantes, não foi á latrina buscar a porcaria do infamante insulto.

Mas desembuchou-o agora, na sua gazeta, aos olhos de todos, em artigo de fundo, sem córar, o Sr. Ministro do Interior!

E, porque não ezita em julgar sicários os republicanos que ainda hoje combatem a Universidade de 907, ele ai mandou ao governador civil de Coimbra a guarda republicana para sitiar a Universidade!

Na Universidade

Ferros de El-Rei... tor

Das victimas do ukaze da Reitoria já se encontram em liberdade... relativa os estudantes Quintanilha e Tenreiro, este ultimo affiançado em 100000 réis por ser republicano, porque se fosse anarchista, segundo o criterio do juiz, a fiança seria de 500000 réis. Este magistrado, que arbitra fianças a olho, como quem compra hortaliça, é aquelle celebre julgador do processo de imprensa de Vizeu.

O estudante Martins d'Almeida continua preso no quartel e, segundo consta, ao delicto por que vai ser pronunciado corresponde uma pena excessiva e grave. Será isto verdade? Haverá intenções de immolar aquelle nosso camarada aos odios e ás vinganças de «Suas Lentencias»? A Revolta continua protestando a sua solidariedade ás victimas do impulsivo Reitor, aguardando especialmente que se defina a situação de Martins d'Almeida, para que este nosso camarada logre a justiça que a sua dedicação e o seu caracter merecem.

ESTUDANTES DO LYCEU

Recebem-se 4 internos, proximo do Lyceu
O guarda livros da Casa Minerva informa.

Antonio Napolos e Ramada Curto ADVOGADOS LISBOA

ESCRITORIO

Rua Nova do Almada, 59, 2.º

Um documento

Copia da carta enviada ao Ministro do Interior, em 14 de Outubro, por um grupo de estudantes revolucionarios.

Cidadão!

Estudantes revolucionarios de Coimbra, entre os quais os últimos intransijentes da greve de 1907, mantendo a opinião de sempre sobre a Universidade fradesca e retrógrada, absolutamente dispostos a impedirem que a revolução contemporize com a teia de aranha secular, reconhecidissimo fóco de retrocesso, que a intelectualidade da República combateu sempre, nas mais audazes campanhas de moralidade nacional, declaram e afirmam que por todos os meios vão opor-se a que a Universidade funcione, que para actos, que para aulas, até que ella seja reformada pelo menos nas suas linhas gerais — seleccionando os seus professores, com muitos dos quais será absurda a nossa convivência academica nos dias livres, que cremos terem começado, finalmente, para a nossa terra e — arrancando, para já, ao seu ensino e ás suas leis o cunho de cretinização e violência, que as caracteriza.

Nada temos com quaisquer comissionados, que tenham ido implorar ao Governo da República o adiamento das aulas ou dos actos.

Não queremos adiantos dum cousa ou da outra — pretexto para jubilosa mándria.

Queremos — saneamento! E, se este, aviso fazemos antes de usar todos os meios para impedir o funcionamento da Universidade, isso é unicamente por lealdade, para que ninguém possa posteriormente acuzar-nos de termos criado dificuldades ao Governo da Republica.

Nós ou a Universidade!
Coimbra, 14 de Outubro de 1910.

(Seguem-se 7 assignaturas)

ALARME DEMENTADO

O que ai se passou hontem, por motivo da vinda a Coimbra do deputado Miguel d'Abreu, merece o nosso indignado protesto. Aquelle deputado, quando á dias teve a ombridade de levantar na Constituinte a questão da Universidade, apresentou um projecto de lei para extinção da Universidade, com o reparo de todas as recompensas para os interesses desta cidade.

O dementado alarme de alguma gente buzinou ai que aquelle deputado ouzara propor á Constituinte pura e simplesmente a... extinção de Coimbra!

E assim é que um avizo vulgar, na Porta-ferrea, interessando exclusivamente os estudantes, pareceu ao tal dementado alarme uma provocação ao povo desta cidade.

E assim nós assistimos, na noite de ontem, a um tristissimo espectáculo de revindicta injustificavel, que certos comerciantes da cidade devem ter registado nas suas caixas, como precioso avanço nas suas economias!

Publicações recebidas

„Lumen, „

Recebemos esta revista mensal ilustrada, de critica, sociologica e arte, que começou a publicar-se em Lisboa, tendo por colaboradores vários escriptores e artistas.

Preço de cada número 50 réis. A correspondencia deve ser dirigida a Couto Martins, Rua dos Romolares, 35, 2.º — Lisboa.

„A Revolta, „

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas

Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre ou serie de 26 numeros, 580 réis.

Numero avulso, 20 réis
ANNUNCIOS — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se anuncios por largo tempo, por contracto especial

Annuncios

ABILIO LAÇOAS

54 — Praça do Commercio — 55
COIMBRA

Correspondente das Companhias Maritimas, da Companhia de Seguros de fogo COMMERCIO E INDUSTRIA e do BANCO DA COVILHA

COMMISSOES E CONSIGNAÇÕES

DEPOSITO DE SACCOS DE PAPEL
Telephone 295

AUGUSTO LUIZ MARTHA

SABOARIA LUSITANA
SANTA CLARA Telephone n.º 162

Armazem de Papel e Chá
Deposito de Bolachas e Massas
22, P. do Commercio, 26 Telep. 11
COIMBRA

4:500\$000

Empresta-os juntos ou em fracções, por hypotheca, o solicitador encartado Francisco Mendes Pimentel.
Rua da Sophia-70

Pharmacia

Vende-se em bom local. Para tratar com Egidio da Silva, Varzea de Goes.

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia* e do *Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artisticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVICHO RAPIDO DE ENCOMMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos GAVEAU

Bicyclettes B. S. A. e PEUGEOT

Machinas de costura NAUMANN

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos deem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobiltas em mogno e noqueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios. Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir. Apparelhos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40

COIMBRA

Recebe COMMENSAES

e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

Rua do Sargento Mór, 50 a 52

Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia, metaes, trapo, pelles e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceu Nacional de Macau, offerecida aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 1500 réis brochado ou 1700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophico, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professora Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do *Commercio do Porto*.

Preço — pagamento adiantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 15200 réis, franco de porte.

Depois de exposto a venda o preço será de 18500 réis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será offerecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanhede, MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registó do correio.

Equallymente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (reis 25050) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem querermos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 91 COIMBRA Arco d'Almedina, 2 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lycéus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officinas montadas com machinismo moderno.

Accelam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papéis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestos para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a, Suoc.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos *Apontamentos de Processo*, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 300 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para ofertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 15200 réis.

Dr. Lobod' Avila Lima, *Da Concorrenca Desleal*, 4 vol. 15200 réis.

A REVOLTA

Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

Director — Emílio Martins
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Rua das Covas, 15

COIMBRA — 26 de Julho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA,"
 Composição e Imp., CASA MINERVA, Avenida Navarro
 ADMINISTRADOR E EDITOR: PEDRO PALMA

N.º 53

FALANJE

Sem *vivas* e sem *morrás*, digamos serenamente o indispensável para alistar a poeira aí levantada em torno da « questão universitária ».

Quasi tão velha como a própria Universidade, a maldada questão tem tido períodos de intensa, violenta efervescência.

Destes períodos o penúltimo foi a — greve de 907. João Franco no poder. Reinado de Carlos I. Republicanos tentando a revolução.

O último começou em 17 de Outubro de 1910, doze dias depois da proclamação da República. Dr. António José de Almeida no Ministério do Interior.

A greve de 907 foi um protesto formidável, inesperadamente desfeito num *schiu* de cobardia e traição. Deixou intacta a Universidade, embora tivesse provocado e constituído a maior, a mais profunda e violenta das campanhas até hoje, feitas contra ela. Na primeira linha de atiradores estiveram galhardamente os deputados republicanos de então.

Além de todos, o Dr. Brito Camacho, no seu jornal, a *Lucta*, dirigiu um dos ataques e este, por certo, seria o bastante para deitar por terra a Universidade, se esta não fosse, como estais vendo, indestrutível mole, onde á livremente — lentes, bedéis, archeiros e, por vezes, *kropatchek* guardando a Porta-férrea.

A Universidade ficou intacta, sob os auspícios da *Imaculada Conceição*, a quem os *salvores* continuaram jurando devota fidelidade.

Os estudantes, esses nunca mais se ajuntaram, solidários, nem sequer para os grupos dos cursos, da iniciativa do fotógrafo Borges.

A derrota deixou para sempre irreconciliavelmente separados os que primeiramente acorreram, cobardes, ao suborno de João Franco de aqueles que foram os últimos a render-se, vencidos, esmagados já pela cobardia dos primeiros.

Foi a estes últimos que se chamou — *intranzijsentes*.

Eram eles, á excepção de dois ou três, republicanos e anarquistas. A imprensa republicana, o partido republicano e os seus *caudillos* glorificaram-nos. Como já não podia aver — « nobre academia », ficou — « nobre grupo dos intranzijentes », « nobilissimo grupo dos estudantes revolucionários ».

Minoria insignificante da academia — isto mesmo firmava o melhor título de glória.

Em outubro de 1910 é proclamada a República.

Estavam, então, em Coimbra dez a quinze dos estudantes da Universidade, republicanos, revolucionários, *intranzijsentes* de 907 uns, na Universidade matriculados posteriormente a esse anno os outros.

Todos eles pertenciam á *minoría insignificante*, dos estudantes republicanos revolucionários, que a partir de 1908, com a desesperada audácia, que o fracasso da greve neles criara, tinham dado á República todo o trabalho de novos e revoltados.

Saudavam a República, finalmente proclamada, como a libertação do povo. Eram estudantes da Universidade, ultra-reaccionária. Saudaram, pois, a República como devendo ser a sua própria libertação.

Decorridos os primeiros dias da República, os jornais anunciaram, com a simplicidade duma notícia vulgar, que a Universidade ia reabrir os seus trabalhos. No dia 17 de Outubro começariam os *actos dos licenciados*.

Aquella *minoría insignificante* de revoltados não quiz acreditar em tal insensatissimo dezacerto.

Como seria possível a Universidade — ficar assim?

Mas tiveram de render-se ante a certeza do facto, que alguns estudantes, vindos de Lisboa na ocasião, trouxeram da boca do Ministro do Interior.

Era positivo. No dia 17 a Universidade — absolutamente *intacta*! — ia reabrir.

E quereis saber quem formava o juri dos *actos* primeiros, de abertura adentro da República? O lente Dr. José Alberto dos Reis, mais o Dr. José Tavares, mais o Dr. Teixeira de Abreu!

Quaize poderia chamar-se — provocação e trôça.

Os republicanos e revolucionários da *minoría insignificante* olharam-se espantados e indignados. Podia lá consentir-se — *aquillo*?!

Aos republicanos ajuntaram-se então estudantes anarquistas, muitos deles *intranzijsentes* de 907, com quem os republicanos aviam mantido relações revolucionárias. Era geral a indignação e geral o propósito de não consentir a reabertura da Universidade, tal como ela fora e subzistia.

Outros estudantes chegavam de Lisboa e afirmavam indignados a *passividade* do Governo provisório.

No dia 14 de Outubro foi en-

viada ao Ministro do Interior a carta, que a *Revolta* publicou anteriormente.

Esses tres dias, até 17 de Outubro, foram de ansiedade e baldada esperança.

No dia 17, pela manhã, na Universidade estavam os republicanos, revolucionários e os *intranzijsentes* de 907 — a *minoría insignificante* de sempre.

A hora do primeiro *acto* chegavam aos *gerais* e entravam numa das salas os lentes Drs. José Alberto dos Reis e José Tavares.

Sabia-se que o Dr. Teixeira de Abreu tambem tinha entrado na Universidade.

O espanto, depois indignação, revolta invencível arrebatou os estudantes num impeto indomável, aos gritos de « viva a Universidade Livre! », « viva a República! ». Disséram, violentos mas justos, aos dois lentes que saíssem, enquanto Teixeira de Abreu *saltando muros* fugia, e, aproveitando-se do pânico, que duas inofensivas bombas aviam produzido, destruíram as *cátedras*, *capelos* e *bolsas*, gritando sempre: viva a Universidade Livre!

Coimbra saiu á rua na fantasia alucinada de que a Universidade fora arrazada, *demolida pedra a pedra*.

Coimbra, refeita do injustificado susto, insulto e difamou os estudantes revolucionários que fizéram o movimento.

Um manifesto que circulou na cidade no dia 17, subscrevia — *A Falange Demagógica*.

Coimbra logo fantaziou uma organização de *petroleiros*, com aquêle nome, como tendo sido ela a autora dos *tumultos*. Votou-lhe todo o seu ódio. E assestou este de preferência contra os estudantes anarquistas, que nos *acontecimentos*, sendo em menor numero do que os republicanos, não deviam ser mais responsabilizados do que estes.

Coimbra cedeu á *realidade dos factos*, quando dias depois, vagamente ainda, descortinou erecta a torre da Universidade.

Ficou o surdo rancor reprezo contra os *destruidores das cátedras*, contra a *Falange Demagógica*, porque o consideravel nome, anonimamente jogado, ficou valendo para lhe atribuir todos os futuros ataques contra a Universidade.

Já ficais sabendo, portanto, que isso de *Falange Demagógica* ou *Rubra*, ou simplesmente *Falange* não corresponde a nenhuma organização ou associação de facto, com *estatutos*, *estandarte* e *sede social*.

Já ficais sadendo, portanto, que quando gritardes « Morra a Falange! » « Espatife-se a Fa-

LENTES EM GUARDA!



(Desenho de Emílio Martins)

lanje! » deveis substituir — *Falange* por estudantes republicanos, revolucionários e *intranzijsentes* de 907.

Todos os republicanos, revolucionários e *intranzijsentes* teem tomado parte nos *acontecimentos universitários* desde 17 de Outubro?

E' verdade que uma meia dúzia deles os tem reprovado e, talvez difamado. Mas é absolutamente verdade que os da *católica* e os *realistas* do antigo centro da rua do Cosme encheram o coro fulminante do 17 de Outubro e em 12 de Junho estiveram ao lado do Reitor.

Podeis, gritar — Morra a Falange! Assassine-se a Falange!

Votareis assim á morte aqueles estudantes, vossos amigos, ainda ontem a vosso lado, solidarizados na identidade de *principios*, no combate ao *inimigo comum*, que de á muito na luta a vós se juntavam dedicadamente, sem distincção, mas que na hora perturbada de reivindicação de liberdades reclamaram, ezijiram uma Universidade diferente de aquella que os esmagou sempre e feriu de morte em 1907, sem que tal ezijência signifique

impassibilidade deante de quaisquer prejuizos, que a reforma da Universidade, qualquer que ela venha a ser, cause, á vossa terra de Coimbra.

Porque deveis notar que são duas questões diversas — a « questão das reformas da Universidade » como seja a do *desdobramento* da Faculdade de Direito e a questão económica dos vossos interesses, quando lezados por aquelas reformas. Duas questões diversas, que devem ser resolvidas em separado, sem que se prejudiquem mutuamente.

Se, apesar de tudo, neste facto claro encontráreis motivo para gritardes — morra a Falange! — a lógica determina que griteis do mesmo passo — Viva a *católica*!

Emílio Martins.

« A REVOLTA »

Está a administração d'este jornal procedendo á cobrança de annuncios e assinaturas.

Que nesta difficil e importantissima operação os nossos estimaveis assinantes e annunciantes nos auxiliem por todas as formas.

Ecos e comentários

Nem virgula

Sempre que o sr. Ministro do Interior tem na Camara usado da palavra sobre os acontecimentos de Coimbra, é certo e sabido que fere o velho bordão de « que do seu passado revolucionario não renega nem uma virgula ».

Isto, esta virgula revolucionaria, ou é um mero effeito rhetorico ou um detestavel sofisma, porque, na verdade, se S. Ex.^a bôliu na pontuação do seu passado revolucionario não foi para delle renegar qualquer virgula inofensiva, foi para lhe espetar um negro, um redondo, um enorme ponto final.

Escola do Ezército

Não vão boas as coisas na Escola do Ezército.

Camaradas e amigos nossos lá estão batalhando contra o reaccionarismo omnipotente de S. Ex.^a os professores, que, pelo visto, são duma semelhança incontestavel em quaza todas as escolas de ensino superior.

Saudamos os nossos camaradas e amigos e, se lá na sua Escola acazo á uma larga porta-férrica, como na nossa, onde passamos indistintamente bestas e homens, fazemos votos por que não lha mandem guarnecer do complicado *fimil conta-gotas de kropatchek*, que só por milagre lá deixa uma ou outra vez passar alguém.

A' Morte

Na noite da manifestação ao Dr. Rosette o João Magrinho, em Sansão, gritava pedindo a morte de Pedro Ferrão, correspondente do Mundo.

Indignação de momento, decerto, porque o Magrinho não é tão sanguinario como pretendia parecer. Que nos conste á unica coisa que elle costumava fazer em sangue — é um bife!

Matricula policial

E' assim que o Mundo chama ao processo de *actos*, em vigor na Universidade de Coimbra, ainda não á muitos dias.

E' justa a denominação. Falou-se em tempos no propósito do Ministro do Interior em reformar o *reime das meretrizes*.

Talvez esta matricula policial de certos estudantes tenha sido o começo da tal reforma do ministério do interior — a generalização da matricula policial a todas as classes.

Que abalo!

A Republica pretendeu ferirnos ao referir-se á *Revolta* dizendo desdenhosamente « um jornal qualquer que se publica em Coimbra ».

Que abalo! Ainda não estamos refeitos do desgosto!

Em todo o caso que a Republica fique sabendo que esse « jornal qualquer » é um jornal que se preza de ter coherencia, sinceridade e grammatica, prendas de que a Republica nem sempre se pode gabar.

Directores

Os jornais attribuem ao sr. Ministro do Interior, como tendo-as proferido na Constituinte, sobre o « caso de Coimbra », as palavras de — *directores dos ultimos acontecimentos universitarios*.

Generoso eufemismo republicano!

Em 1907, João Franco francamente dizia — *os cabeças de motim!*

Um medroso

A Alma Algarvia, semanario que se publica em Silves e em Portimão (uma especie de *New-York Herald* com suas edições

americana e parisiense), insere em fundo um artigo intitulado *Temos Médo*, em que se refere o seu susto pelas varias desordens que vão por esse paiz: a operaria, a academica e a do « seio da Convenção Nacional ».

Sobre a « desordem academica » diz caticonicos, que muito devem agradar a Coimbra.

Nós estamos mesmo quasi a acreditar que o artigo em questão foi feito por pessoa cá da terra, porque o assigna um cidadão de apelido *Pobis*, que é como quem diz Pó duas vezes.

MIUDEZAS...

Que elles estavam talhados um para o outro era a opinião corrente. O rapaz agradara em cheio á familia, com o seu arzinho modesto, a sua qualidade de filho unico e as suas vinhas no Douro, e o proprio paes della, rispido major reformado sempre implacavel em assumptos de sentimento, levava em gosto o namoro e fazia vista grossa quando á noite, ao recolher do sólo do Club, topava o moço gargarejando para a janella. A mãe, essa, andava mesmo transtornada com tanta felicidade e affirmava a toda a gente — ao padeiro, á propria leiteira — « que Deus os fizera, Deus o juntara ».

O namoro começara no Caes, numa catrapiscadela inofensiva, numa tarde de musica. Nessa tarde ainda elle blagueira com uns condiscipulos sobre as intenções casadoiras da burgoezinha, mas pouco a pouco fôra ganhando afinco e ao terminar o quarto anno, antes de partir para os pedregulhos do seu Douro natal, falara-lhe em casamento, promettera pedi-la antes de terminar a formatura, no anno seguinte.

Ella andava radiante e não se poupava, deante da inveja verde das amigas, a desfiar as doçuras do seu sonho de sempre, agora proximo a realizar-se. Ia, enfim, casar e casar com um bacharel, a unica, a grande aspiração da sua vida, desde que a puberdade lhe começara alteando os seios, desde que o seu narizinho petulante e arrebitado farejara o outro sexo.

Nessa noite, á hora marcada, elle lá estava debaixo da janella, feliz e satisfeito de a adivinhar naquella mancha branca e fresca, que alvejava na sacada do segundo andar. A palestra, no principio, decorria sem animação, bordada das banalidades do costume — o calor que estivera, quantas vezes tinham pensado um no outro durante o dia — e como nenhum assumpto novo se offerecesse elles caíram no motivo que agitava a cidade, o thema obrigado de todas as conversas: o caso da Universidade.

Ella atacava violentamente a Phalange, e a sua vozinha debil de creatura enfermiça ganhava tons roucos de indignação. Elle, por seu lado, defendia o que elle chamava o « nobre procedimento da academia ». Chegou mesmo a afirmar-lhe que, se o deixassem, iria fazer os actos a Lisboa e por um momento as

duas vozes confundiram-se voiferando qualificativos indignados, que se chocavam no ar como pedras jogadas entre dois bandos de garotos:

— Uns anarquistas!...

— Uns exploradores!...

— Pelintras!...

— Usureiros!...

— O sr. é um discolo!

— A sr.^a é uma commercial!

Durante um segundo calaram-se remoendo no seu rancor novas injurias. E então ella, no mais agudo registo da sua voz debil de creatura enfermiça, guinchou no calmo silencio da noite, num ultimo desforço:

— Morra o Miguel d'Abreu!

— Viva! urrou elle no mais profundo da sua voz de basso, que fôra no Orpheon.

Um ruídoo fechar de vidraças, um forte matraquear de tações, rua abaixo.

E assim se desmanchou aquelle casamento, futuro contracto ex-perpetuo entre duas pessoas de sexo diferente, que estavam talhadas uma para a outra, segundo era opinião corrente.

Efêce.

Carta aberta ao sr. ministro do interior

Ex.^{mo} Sr. — Acusa-me publicamente v. ex.^a de levantar insinuações contra as autoridades de Coimbra, á frente das quais collocou Silvestre Falcão homem de uma só fé e de uma só cara... e mais me verbéira por não possuir aquella autoridade moral que semelhante atrevimento exige.

Eu não fiz insinuações: em nome de uma comissão eleita pela academia em assembleia geral, assinei um telegramma de protesto contra as ofensas ao deputado Miguel de Abreu, praticadas pela população deste burgo e com a cumplicidade de autoridades. Tal cumplicidade — suficientemente provada por declarações de numerosas testemunhas, pelas proprias palavras do referido deputado, por expressivos incidentes — não consta até que envolva a pessoa impoluta do governador civil do do districto. E' absurdo, portanto, senão maldoso attribuir-me v. ex.^a insinuações infamantes, quando simplesmente me limitei a participar factos do dominio publico no estricto e fiel cumprimento de um dever. E não posso esconder por isso o meu assombro perante a facilidade com que v. ex.^a atropelou a logica e o mais comensinho bom senso, nem deixar de registrar com mágua a estonteante velocidade com que descambou na questão pessoal — tão mesquinha quanto inoportuna.

Porque não tenho então autoridade moral para, delegado dos meus colegas, enviar telegramas á Assembleia Nacional Constituinte? Disse-o v. ex.^a no seu estilo sempre figurado: porque vestiu mil casacas politicas durante a monarchia porque bem perto da revolução aceitou uma comenda das mãos do rei Manuel. Mil casacas? Mas, como pôde o sr. ministro sustentar um disparate desses quando apenas e sempre me tem coberto um unico jaquetão democratico mesmo em dias tão solemnes como aquelle em que junto ás margens do Mondego um perissologico tribuno alternadamente ameaçava as cantarias musgosas da Universidade fradesca e os paredões ocultantes dos misterios de Santa Clara? Apesar de tudo, persiste em repelir-me desdenhosamente da Republica que v. ex.^a fez para todos — menos para um? Está

bem; ficarei de fóra e, dado o criterio de v. ex.^a, com muita honra.

Quanto á comenda a que v. ex.^a se refere — por sinal habito de S. Thiago — cumpre-me dizer-lhe, sr. Antonio José de Almeida, que só um larvado ou um mau é capaz de descortinar no facto da sua aceitação a pratica de um acto indigno. Essa distincção, que mal se destinava ao musico obscuro e modesto — que o doador sabia ser seu adversario em politica, e que muito de preferencia recaia sobre a colectividade que representava — serviu de pretexto ás mais injustificadas e insidiosas criticas. Ella tinha, porém, de ser, como foi, cortezmente arredada e nunca, como alguém pretendeu, violentamente repelida num gesto ridiculo, grosseiro e teatral de quem precisa mostrar á galeria que não se vende e ao rei que não se converte. Não quadram ao meu modo de ser estes estafados processos de saltimbanquismo de feira que os politiqueros de officio usam empregar nos tablados da opinião publica, quando representam as empolgantes scenas da tragedia moral.

Nesta ordem de ideias, recebido o diploma legal notificando a regia graça e convidando á aceitação e ao pagamento dos direitos de mercê, decidi singelamente lançar o papel á margem, recusar-me ao cumprimento das formalidades essenciaes para a obtenção do titulo e expressar assim delicada, mas claramente, a resignação da honra. Desta forma procedi e sobre as minhas afirmações não admito duvidas. Viviam tranquillo na confortante paz da consciencia e na doce persuasão de não ser comendador quando, inesperadamente, a voz retumbante de v. ex.^a me veio trazer um cruel e escandaloso desmentido.

Singularissimo funcionario da joven Republica: a sua attitude na presente questão, os seus repelentes processos de combate, as suas palavras, as suas intenções, mereciam, sem duvida, mais acerbas criticas, mais largos reparos. Não partirão de mim, porém; pois absolutamente concordo e resignadamente me conformo com aquelle pensamento que piedosamente nos lembra que um fiasco do ministro do interior representa o extinguir de mais uma centelha desse fogo pertinaz que o vulgo crente alimentava junto á imagem do caudilho no altar das suas melhores esperanças.

Coimbra, 21-7-911.

Antonio Avelino Joyos.

Os lentes de Direito da Universidade de Coimbra

Palavras do *en-tête* da *Lucta* de 3 de Abril de 1907:

« Muito melhor do que nós poderíamos faze-lo — com inextinguível vigor e com inimitavel graça, o Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros diz hoje aos nossos leitores o que é a Faculdade de Direito.

São de ha mais de vinte annos, é certo, as palavras do Sr. Luiz de Magalhães; mas ha vinte annos a Universidade era o que é hoje, a mesma imbecillidade presumpposa, o mesmo castelo de estupidez albergando o mesmo espirito de reacção.

Era novo o Sr. Ministro dos Estrangeiros quando escreveu o seu pamphletto? sem duvida; mas esses famosos decaños, esses famosos educadores que antehontem lavraram contra sete rapazes uma sentença que é tão absurda como infame, esses homens eram ha vinte annos tão velhos como são hoje, porque nunca n'aquelles espiritos floriu a juventude,

nunca rociou aquellas almas um orvalho de mocidade. Foram sempre velhos aquelles homens; devem ter sido sempre duros aquelles corações, como foram sempre empedernidos aquelles cerebros. Sabese lá a idade que tem a estupidez? Deve ser tão velha como a Maldade, as duas geradas no mesmo ventre universitario, n'uma epoca em que os Decanos ainda nem eram homens, e habitavam nos bosques e nas cavernas.

A Faculdade já mostrou do que é capaz; mas sobre o caso de Coimbra não está dita a ultima palavra, como escreveu o sr. Luiz de Magalhães:

« A justiça há de, ainda d'esta vez ganhar a partida — o que não tira, porem, que o miseravel procedimento da Faculdade do Direito fique no dominio do publico como uma revelação do seu caracter — inestimavel para se estudar como um symptoma do desaparecimento moral da nossa raça.

A' dias o jornal, do Dr. Brito Camacho, dizia, num *eco*, muito enfatiado, que a galeria na Constituinte começava a aborrecer-se com o *Caso de Coimbra* e perguntava se isso não acabaria para socego de todos. Intitulava-se o *eco* — *Esturdias*.

Dr. Armando Marques Guedes

Concluiu a sua formatura em Direito este nosso amigo.

Bacharel, não como toda a gente, visto que o distinguin na sua *travessia* pela Universidade uma rara independência, da *cadeira* e da *se-benta*, tendo fujido ao tipo classico do *urso*, o nosso amigo, estudioso, trabalhador consciante, deixou ontem Coimbra e a Universidade.

Daqui lhe enviamos um abraço de amizade velha e certa, um abraço em que vai, tambem, um certo despeito amigo, de quem — ainda fica, não sabe até quando.

A Questão da Coimbra

Do Mundo, de 23 de Julho, transcrevemos o seguinte:

« Talvez haja quem rejubile com a manifestação que antehontem foi feita, em Coimbra, a um deputado daquella cidade, com morras ao sr. Miguel de Abreu e á falange. A nós, parece-nos a manifestação mais um triste symptoma de que a questão de Coimbra não está liquidada, ainda que aparentemente haja socego. Os que negaram ao sr. Miguel de Abreu o direito de ir a Coimbra não podem coerentemente aplaudir a manifestação de antehontem, que prova que não é só a falange que é precipitada. Tanto direito tinha o sr. Abreu de ir a Coimbra depois da sua proposta, como o sr. Rosette depois do seu discurso. E os amigos do sr. Rosette não tinham, em nenhum caso o direito de dar morras ao sr. Miguel de Abreu. O incidente prova, repetimos, que a questão de Coimbra não está liquidada nem facilmente se pôde liquidar. Entre parte da Academia e a cidade levantou-se um conflicto que não pôde resolver-se nem com injurias, nem com bordoadas.»

Bem dada bola, parceiro!

Dr. Ismael de Sá Carvalho

Com a tezura dum português antigo dobrou o *cabo* da formatura este nosso querido amigo.

Auguramos-lhe um prospero futuro no fóro, auguris este que não nos empresta ares de S. Cypriano, porque com as suas bellas qualidades de caracter e intelligencia não é difficil prognosticar-lhe esse futuro largo e brilhante.

SECÇÃO LITTERARIA

AQUELLA NÓZ

Tinha custado immenso a ser quebrada
Aquelle nóz, de tão forte dureza!...
Por fim — aberta a casca! — tu, coitada,
Viste que ella era pódre, com tristeza!

Na expressão do teu rosto, amargurado,
Eu pude lêr, com toda a inteireza,
Que te julgastes muito desgraçada,
Talvez a mais humilde portugueza!...

Tu vives illudida, certamente,
Minha feliz creança descontente,
Que não conheces nada desta vida:

Os nossos lindos sonhos feiticeiros,
Em que andamos a crêr, annos inteiros,
São como a tua nóz apodrecida!

Julio Baptista Ripado.

ESTUDANTES

O nosso coléga A. Cabral, estudante da Escola Médica de Lisboa, administrador interino do jornal o Negro, órgão dos estudantes negros, defensor da raça negra e dos estudantes em geral, quinzenário que se publica em Lisboa, cujos n.º 1 e 2 recebemos e agradecemos, enviou-nos uma carta que, com a vénia devida, transcrevemos:

Lx.º 21-7-911.

Prezado cidadão e collega, redactor.

Tendo só agora sabido que o jornal academico A Revolta ainda vive, envio-lhe os dois únicos numeros d'O Negro, cuja orientação é de defender a raça negra e os estudantes em geral.

Sendo assim rogo-lhe o especial favor de me enviar os últimos numeros d'A Revolta, principalmente dos que tratam d'actual questão Universitaria.

Segundo creio, a Associação Internacional dos Estudantes Negros fará convocar para breve, uma reunião em que tomarão parte todos os estudantes de Lisboa para se tratar da questão em que estão envolvidos os seus collegas de Coimbra.

Serão processados alguns estudantes da Universidade, sem que toda a Academia Portuguesa (e Estrangeira) levante um clamor de protesto vehemente?

Os estudantes de Porto e Lisboa poderão consentir que nas mencionadas cidades se realizem actos, os estudantes que romperem a solidariedade sagrada com os seus collegas? O futuro o dirá. Mas nesta resposta ficará sabendo se ainda ha Mocidade, mas aquella Mocidade independente e irreverente que sabe pugnar custe o que custar pelos seus direitos e regalias, que jamais se vergou ante as promessas balofas ou castigos ou ainda ás provocações e ameaças, seja de ministros ou seja do commercio.

Se alguma coisa de novidade aqui se der enviar-lhe-hei noticias em telegrammas, assim como espero que me mande noticias

d'ahi para se publicar no Negro que sae brevemente.

Sem mais, envio-lhe um aperto de mão.

Saude e solidariedade.

O administrador interino do jornal o Negro,

A. Cabral.

(Estudante da Escola Médica de Lisboa)

Ao prezado colega, que nos escreveu estas sincéras palavras de amizade e protesto, recordamos a greve de 1907, para que a sua utilissima lição não possa ser esquecida, e permitimo-nos dizer-lhe que, se os estudantes de Lisboa pensam em aussiliar os seus collegas de Coimbra na sua luta em favor das reformas da Universidade, devem faze-lo iniciando desde já, por meio da imprensa, conferências, etc., campanha em favor do desdobraimento da Faculdade de Direito.

Grande beneficio assim prestarão aos estudantes de Direito e ao país.

Estão os nossos collegas aí mais perto da torre de... ferro dos governantes e mais facilmente póde a sua voz fazer-se ouvir na Constituinte.

Na Constituinte

Da Chronica Parlamentar do Intransigente, de 25 do corrente, extraímos esta resenha das palavras de Padua Correia, na sessão de 24:

... e Padua Correia, põe a questão de Coimbra outra vez no tapete. No tempo de José Dias houve uma greve. Humilharam-se os rapazes, com um decreto palmatoria que os mandava curvarem-se na reitoria. No tempo de João Franco, idem. Agora, ha tumultos e a humilhação é trinta vezes peor, porque, teem de se ir rojar, os rapazes numa esquadra de policia no governo civil, a fechar matricula a implorar um livrete para fazerem acto. No tempo de José Dias, o sr. ministro do Interior era estudante e não se curvou. No tempo de João Franco o sr. ministro era deputado e insurgiu-se Agota o sr. ministro é ministro e castigando os que fizeram o que elle fez, o sr.

ministro, para que não percam o anno, manda-os não onde José Dias os mandou, não onde João Franco queria que elles fossem... mas se os não manda bugiar... manda-os matricular no governo civil e dar-lhes lá o livrete que lhes permite irem fazer acto... á porta fechada, porque, guardada a Universidade pela tropa, na Universidade só entra... quem tem numero na policia...

Deu a hora e Braamcamp, para reconciliar consigo quem não lhe perdoou a sessão nocturna e a tenha atravessada nas guellas quer acabar com a festa. Mas a Camara está a gostar e em vez de ir ás sopas, deixa que Padua Correia sopetei. Elle, agradecido, trata de reclamações de empregados hospitalares e e quando o Interior vai responder-lhe as coisas do costume, que os rapazes são levadinhos da breca, que Daniel é nata dos reitores-parteiros e Silvestre a joia dos governadores civis e elle o mesmo revolucionario que sempre foi, com mais gotta, mais cabellos brancos, mas capaz, como sempre, de ir morrer ao lado dos rapazes na barricada heroica contra o despotismo das Faculdades, vem a gente ao jantarinho e deitar contas á vida para saber como será o segundo acto d'esta chronica tragédia...

O chronista scintillante tão perfeitamente syntetisa a costumada aria oratoria do sr. Ministro do Interior « sobre as virgulas que não renega do seu passado revolucionario », que seria criminoso não transcrever aqui mais esta brilhante affirmacão do talento de Braz Burity e da rotina do sr. Ministro.

A FORNADA

A Faculdade de Direito começou já este anno a enviar para o mercado a sua nova remessa de bachareis. E' a primeira fornada que sae sob os auspicios da Republica e este facto, embora o não pareça, é para meditar e para observar.

Noutros tempos, quando a ominosa reinava, era sabido que mal o bacharelinho picava a casca da formatura encontrava logo um nicho fófo, onde encaixar a sua inaptidão para a lucta pela vida. Os votos dum papá cacique ou a influencia toda poderosa dum padrinho conselheiro talhavam logo ao rapaz um logarzinho commodo, onde elle possesse, dentro dos seus minguados recursos de creatura inutilizada por um curso esterilizante, mamar na teta do Estado quantias de oitocentos mil reis para cima. Assim se encheu o paiz de lés a lés, com essa teoria enorme de inúteis, numa prodigalidade tão farta de novos nichos excavados na burocracia que quasi se ia chegando ao apuro de haver um funcionario para cada habitante.

A nova fornada, a fresquinha, a deste anno, começa a espalhar-se pelo paiz e com ella a avidéz herdada de arranjar um emprego publico. A Republica não se tem farto de apregoar, pela bocca dos seus propagandistas, o maravilhoso elixir da moralidade, a lucta tenaz contra as accumulacões, os compadrios e outros cambalachos antigos. Até hoje, é certo, que todas essas ameaças e promessas não teem passado de meras flores de rhetorica para convencer o auditorio de que isto se vai pôr no são, amputando inexoravelmente

Antonio Napoles e Ramada Curto ADVOGADOS LISBOA

ESCRITORIO

Rua Nova do Almada, 59, 2.º

o pódre, e por isso, porque muito temos ouvido e nada temos visto sobre o assumpto postas, é que nós entendemos vir neste momento a talbo de fouce este ligeiro disrecrear.

A nova fornada de bachareis, na sua maioria constituída por antigos socios do Centro da Rua do Cosme, que sempre tem detestado a Republica o mais cordalmente possivel, não hesitará amanhã em grudar-se ás novas instituições desde que lhe acenem com uma pingue, uma suculenta posta. Assim a monarchia conquistava os seus adeptos entre os frageis republicanos das passadas gerações academicas.

Que a Republica se segure e não se deixe engodar com meia duzia de votos, porque senão caímos nos processos antigos, e então adeus pruridos de moralidade, adeus projectos de patria nova.

Para detestaveis republicanos bem nos bastam aquelles, que já existiam dentro do partido antes de 5 de outubro. Comprar adhesões a peso de empregos parece-nos, alem de pouco solido, pouco serio, ainda que isto peze aos partidarios da politica de attracção, aos futuros « regeneradores » da Republica, como alguem já profetisou.

4 FOLHETIM DA REVOLTA

Kova's Palace

Por Emyl-Phelic

I PARTE

As Lagrimas da Esphinge

CAPITULO I

O Palacio abandonado

D. Narcizo, interrogando as trevas, viu lourejar á espessa juba dum leão formidavel, com uns olhos phosphorescentes e verdes como duas grandes esmeraldas luminosas, um leão tão imponente e respeitavel que se não era aquelle o rei dos animaes era pelo menos o Governador Civil dos ditos, como o seu collega de Lisboa. O leão estava jogando tranquilamente a bisca com um soberbo cão fraldiqueiro e os ladrados, que D. Narcizo ouvira, tinham sido motivados por uma resposta torta, que o cão dera ao leão, que pretendia fazer batota.

Tremulo e confuso D. Narcizo pretendia esgueirar-se para o lado opposto, fugindo ás possiveis fúrias do leão, que começava a coçar desesperadamente a juba lamentando-se da gallinha com que estava, quando lhe surge pela frente outra terrivel fera. um episodio. Assim entalado entre um leão e um episodio D. Narcizo ia perdendo a linha, mas lembrou-se a tempo do prudente conselho, que o valente e andaz africanista Nones costumava dar para uma entaladela destas e subiu rapido por uma arvore, que era, de resto, uma soberba perereira de tronco caprichosamente retorcido.

Vendo-se cornido o terrivel episodio acenou cá de baixo a D. Narcizo com um gesto que queria dizer « tu m'as pagarás, meu patife », e foi sentar-se tranquillamente junto da arvore, á espera que D. Narcizo descesse,

D. Narcizo commodamente installado, accendeu um cigarro e começou, á luz do phosphoro, a examinar o terreno, bem disposto a esperar que o leão e o episodio se retirassem. Em redor da arvore estendia-se uma floresta quasi virgem de flôr de borragem, malvas, roseiras, vinhas e outras vigorosas plantas tropicaes. Lá muito ao fundo uma casinha branquejava e um intenso cheiro a natureza morta bojava no ar. Uma hora decorreu assim, monotonamente. Em baixo, encostado ao tronco, o episodio, muito fleugmatico, esperava, cantarolando a meia voz:

Hontem vi na tua rua
Duas pedras a brigar...

Do outro lado o leão continuava jogando a bisca. D. Narcizo começou a inquietar-se com esta terrivel situação.

(Continua).

Annuncios

Oficina de gravura chimica

Guimarães & C.º

281, Rua Miguel Bombarda, 283

PORTO

Execução rápida e modicidade de preços em todos os trabalhos de zinco-gravura

ABILIO LAGÔAS

54 - Praça do Commercio - 55

COIMBRA

Correspondente das Companhias Maritimas, da Companhia de Seguros de fogo COMMERCIO E INDUSTRIA e do BANCO DA COVILHÁ

COMISSÔES E CONSIGNAÇÕES

AUGUSTO LUIZ MARTHA

SABOARIA LUSITANA

SANTA CLARA Telephone n.º 162

Armazem de Papel e Chá

Deposito de Bolachas e Massas

22, P. do Commercio, 26 Telap. 11

COIMBRA

ESTUDANTES DO LYCEU

Recebem-se 4 internos, proximo do Lyceu.

O guarda livros da Casa Minerva informa.

"A Revolta,"

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas

Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre ou serie de 26 numeros, 580 réis.

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS - Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia* e do *Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artisticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVIÇO RAPIDO DE ENCOMMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **GAVEAU**

Bicyclettes **B. S. A.** e **PEUGEOT**

Machinas de costura **NAUMANN**

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Comercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos deem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz,

de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40

COIMBRA

Recebe COMMENSAES

e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

COIMBRA { Rua do Sargento Mór, 50 a 52
Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia, metaes, trapo, pelles e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e

BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceo Nacional de Macau, oferecida aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 1\$400 réis brochado ou 1\$700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophica, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professor Juan B. Ensenal, resumé em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do *Comercio do Porto*.

Preço — pagamento adelantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 1\$200 réis, franco de porte.

Depois de exposto á venda o preço será de 1\$500 réis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será oferecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanhede; MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registro do correio.

Equamente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (reís 2\$050) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem quereremos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 91 COIMBRA Arco d'Almedina, 2 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lyceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officina montada com machinismo moderno.

Acceptam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papeis e enveloppes, objectos de escriptorio e aprestes para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a, Succ.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos *Apontamentos de Processo*, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 800 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para ofertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 1\$200 réis.

Dr. Lobod' Avila Lima, *Da Concorrença Desleal*, 1 vol. 1\$200 réis.